

Cristiane Oliveira Vasconcelos Motta

Flávia Vieira da Silva do Amparo

PORTFÓLIO DE LEITURA:

**Um diálogo entre a Literatura Infantil e os Quatro
Pilares da Educação**

1ª Edição



**Cristiane Oliveira Vasconcelos Motta
Flávia Vieira da Silva do Amparo**

**PORTFÓLIO DE LEITURA:
Um diálogo entre a literatura e os quatro
pilares da educação
1ª Edição**



Rio de Janeiro, 2019

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

M917 Motta, Cristiane Oliveira Vasconcelos
Portfólio de leitura: um diálogo entre a literatura infantil e os quatro pilares da educação / Cristiane Oliveira Vasconcelos Motta, Flávia Vieira da Silva do Amparo. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Imperial, 2019.

59 p.

Bibliografia:

ISBN:

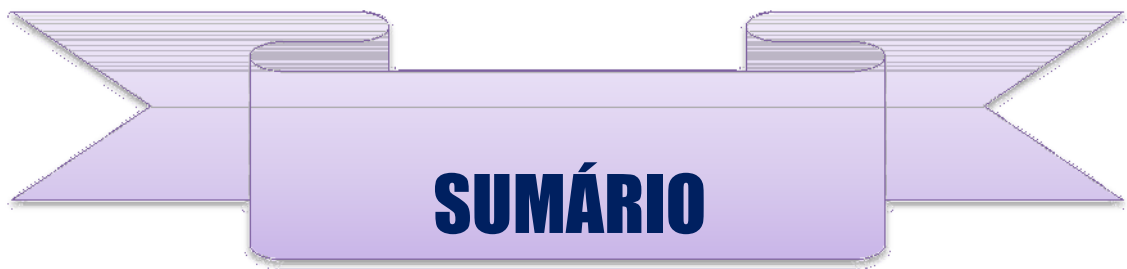
1. Literatura – Estudo e ensino. 2. Literatura infanto-juvenil. 3. Leitura. 4. Formação de leitores. I. Amparo, Flávia Vieira da Silva do. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7 5692.

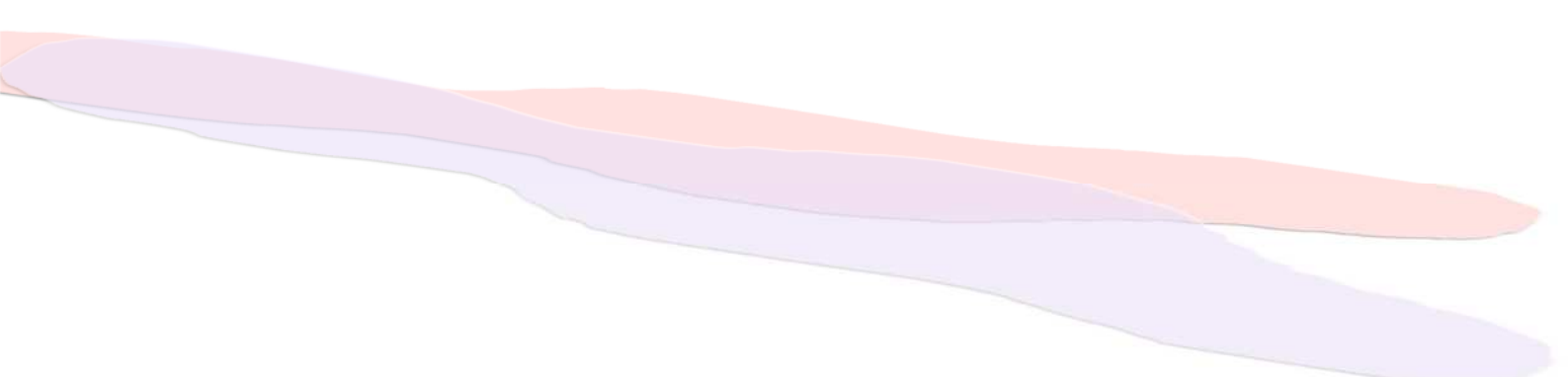
RESUMO

Esse produto educacional, surgiu da necessidade de pensar dinâmicas e práticas de sala de aula, como as oficinas literárias, com a intenção de promover a formação do leitor iniciante baseada nos quatro pilares da Educação. As oficinas consistem numa metodologia detalhada do trabalho com literatura em sala de aula, objetivando promover a leitura do texto, bem como o diálogo sobre o literário na escola. Quando se propõe uma abordagem dialógica nas oficinas, reafirma-se a necessidade de escuta do outro como elemento principal de colaboração entre o mediador da leitura e o ouvinte/leitor, de modo a ampliar não apenas o acervo de leituras, mas o olhar crítico, a capacidade de argumentação, de interpretação e, sobretudo, a interação entre leitor, mediador e texto, favorecendo assim o aprender a ser, aprender a fazer, aprender a aprender e aprender a conviver, os quatro pilares propostos por Delors para a educação do século XXI. A pesquisa foi desenvolvida com alunos do Ensino Fundamental I da Escola Sá Pereira (Rio de Janeiro), no ano de 2018.

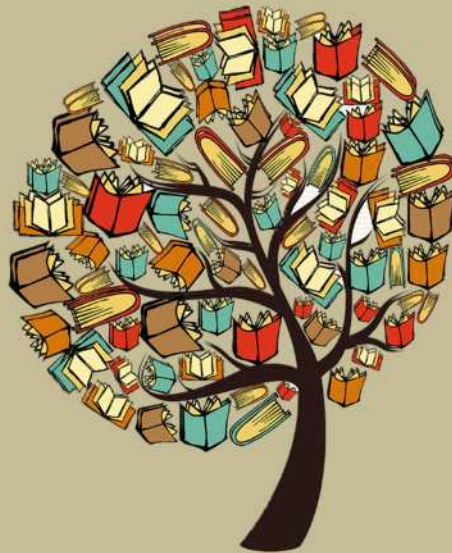
Palavras-chave: Literatura; Oficinas Literárias; Ensino Fundamental; Formação de Leitor, Pilares da Educação



Apresentação.....	6
Referencial Teórico	8
Orientações de uso do Material.....	13
Propostas das oficinas literárias.....	14
Metodologia	16
Oficinas Literárias.....	35
Conclusão	57
Referências.....	61



Apresentação



Este guia do produto educacional é parte integrante da Dissertação de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Programa de Pós-Graduação do Colégio Pedro II, intitulada **Literatura Infanto-juvenil e formação do leitor iniciante: um diálogo com os quatro pilares da educação**, de autoria de Cristiane Oliveira Vasconcelos Motta, orientada pela Prof^a. Dr^a. Flávia Amparo.

A ideia para o tema da pesquisa, que deu origem ao produto educacional, surgiu da necessidade de pensar dinâmicas e práticas de sala de aula, como as oficinas literárias, com a intenção de promover a formação do leitor iniciante baseada nos quatro pilares da Educação. As oficinas consistem numa metodologia detalhada do trabalho com literatura em sala de aula, objetivando promover a leitura do texto, bem como o diálogo sobre o literário na escola. Quando se propõe uma abordagem dialógica nas oficinas, reafirma-se a necessidade de escuta do outro como elemento principal de colaboração entre o mediador da leitura e o ouvinte/leitor, de modo a ampliar não apenas o acervo de leituras, mas o olhar crítico, a capacidade de argumentação, de interpretação e, sobretudo, a interação entre leitor, mediador e texto, favorecendo assim o aprender a ser, aprender a fazer, aprender a aprender e aprender a conviver, os quatro pilares propostos por Delors para a educação do século

XXI. A pesquisa foi desenvolvida com alunos do Ensino Fundamental I da Escola Sá Pereira (Rio de Janeiro), no ano de 2018.

A partir das experiências com o texto literário em sala de aula, surgiu o produto educacional que aqui apresentamos: **Portfólio de leitura: um diálogo entre a Literatura e os quatro pilares da Educação**. O portfólio está organizado em duas partes. A primeira é composta pela introdução ao tema, pelos objetivos da pesquisa e por um breve resumo teórico sobre a sua utilização. Além disso, também abordaremos como a Literatura e as questões dela resultantes foram discutidas na dissertação. A segunda parte é dedicada propriamente à metodologia e à descrição do trabalho realizado em sala, trazendo reflexões sobre a prática docente e sobre a importância da escuta, especialmente dos leitores iniciantes, nas atividades com o texto literário.

O produto consiste em um portfólio em formato de livro, com ilustrações, orientações de uso e descrição de duas oficinas realizadas na Escola Sá Pereira durante a pesquisa com crianças do segundo ano do ensino fundamental.

As duas oficinas – **“Aprendendo a conhecer e a cuidar do mundo”** e **“A eleição dos bichos”** –, foram realizadas dentro da proposta metodológica dessa pesquisa e servem de orientação para outras oficinas que podem ser realizadas em diferentes espaços escolares.

Esperamos que os leitores, especialmente docentes e profissionais de educação, possam desfrutar dos conteúdos teórico-práticos que desenvolvemos nesse portfólio, ampliando as discussões aqui presentes e aplicando as atividades propostas em outros ambientes de aprendizagem.

Boa leitura!



Referencial Teórico



Para construir este produto fizeram-se necessárias a aplicação, a observação e a análise da leitura literária numa turma de 25 alunos no 2º ano do Ensino Fundamental, composta por crianças de 7 e 8 anos. Para tal, foi importante refletir sobre o campo da literatura infanto-juvenil e pesquisar temas e livros relevantes junto às crianças. Corsino e Pimentel (2014, p. 254) afirmam que: “as crianças leem literatura de corpo inteiro – ora se mimetizam, ora entram em empatia com os personagens e situações –, negociam sentidos, fazem associações, apreciam o texto verbal e visual, os colocam em diálogo, brincam, ressignificam”. Poder observar essas leituras e promover, através delas, o diálogo, as trocas de conhecimentos e a ampliação da relação com o mundo da escrita é fundamental para tornar viva a literatura e seu significado para as crianças.

Buscou-se nesse estudo, portanto, a interlocução com autores que abordam: os quatro pilares da educação (DELORS, 2003), a Literatura Infantil (CORSINO, 2014; COLOMER, 2010, 2014; ZILBERMAN, 2003), o Letramento Literário (COSSON, 2006; PAULINO, 2004), a Literatura e a Formação do Leitor (CANDIDO, 2011; QUEIRÓS, 2012, E SOARES, 2011), além de outros autores e temas que puderam contribuir e enriquecer os estudos sobre o assunto.

A escolha dos quatro pilares deve-se à importância de construir uma educação para o futuro, ampliando o conceito de uma pedagogia centrada apenas no conhecer e no fazer, vertentes muito privilegiadas pela escola, e ressaltando a necessidade de uma formação integral do indivíduo numa era em que velocidade e técnica desafiam o tempo necessário para que o aprender a ser e o aprender a

conviver se consolidem. Ao defender os quatro pilares, Delors (2003) afirma que, comumente, têm prevalecido no ensino formal o aprender a fazer e o aprender a conhecer, em detrimento dos outros dois pilares citados. Por isso, esse estudo pretende embasar-se nos quatro pilares, buscando construir um trabalho pedagógico que privilegie o desenvolvimento pleno do indivíduo, sem deixar que apenas uma vertente prevaleça ou denote maior importância.

Considerando a relevância da literatura infanto-juvenil para o desenvolvimento da leitura crítica nas crianças, foram selecionados livros e histórias que contemplavam esses pilares, com a intenção de provocar no leitor iniciante inquietações e buscas, elementos instigadores de grande valor para a formação da identidade e para a construção de um olhar sobre si e sobre o mundo, acreditando que “uma nova concepção de educação deve fazer com que todos possam descobrir, reanimar e fortalecer o seu potencial criativo - rever o tesouro escondido em cada um de nós.” (DELORS, 2003, p.90).

Segundo Delors, desde o relatório Aprender a ser (1972), existia um temor da desumanização do mundo relacionada com a evolução técnica, além de uma preocupação com o enorme desenvolvimento do poder midiático. Mais do que preparar as crianças para uma dada sociedade, o problema seria o de fornecer-lhes constantemente forças e referências intelectuais que lhes permitam compreender o mundo que as rodeia e comportar-se nele como atores responsáveis e justos. Ao fazer essa afirmação, o autor acredita que a educação parece ter, como papel essencial, conferir a todos os seres humanos a liberdade de pensamento, discernimento, sentimentos e imaginação de que necessitam para desenvolver os seus talentos e permanecerem, tanto quanto possível, donos do seu próprio destino. (DELORS, 2003, p.97)

Ao discutir a formação humana na educação e a preocupação com o poder midiático, Delors parecia prever a velocidade dos acontecimentos e a influência da tecnologia na formação humana. Estamos cercados de redes sociais e, essas, em muitos casos, têm exercido forte influência na forma de comunicar atualmente, inclusive com grande impacto no processo democrático. Se, por um lado a Internet é capaz de garantir muitos ganhos, como a possibilidade de ampliar as fontes de pesquisa e de expandir a comunicação; por outro, traz também muitos agravantes,

como exposição a conteúdos inadequados e deturpados como as *fake news*, as manipulações e distorções da realidade, passíveis de confundir leitores de vários níveis e formações, especialmente os menos críticos.

Formar leitores atualmente é também preparar para essas leituras virtuais, ensinar a buscar fontes mais seguras de pesquisa, ensinar a duvidar, a interpretar. Mais do que nunca, os procedimentos de pesquisa precisam fazer parte da formação do aluno-leitor. Discutir literatura com criança pequena, ampliar as fontes de leitura e a capacidade interpretativa do leitor tornam-se matérias essenciais. Poder discordar, confrontar, opinar é uma garantia obrigatória nessa formação. Aprende-se a ser garantindo liberdade de pensamento e discernimento, e aprende-se a conviver fazendo o uso adequado da liberdade de expressão, discernindo o lugar do outro e respeitando esses limites.

Fez-se necessário também o aprofundamento em alguns conceitos fundamentais para a reflexão sobre a literatura no espaço escolar. Para discutir o letramento literário, autores como Cosson (2006) e Paulino (2004) ajudaram a entender essa abordagem, pensando a literatura dentro do espaço escolar e no lugar mais amplo de reflexão sobre o texto. Para isso, pudemos contar também com as reflexões de Soares (2011) sobre o processo de escolarização da literatura.

Ao discutir o Letramento Literário na escola, nos vemos diante de algumas perguntas feitas também nesse estudo. Qual é o lugar da literatura na escola? Como ela contribui para formar leitores? Cosson (2010) nos ajuda a refletir sobre esse lugar ao afirmar que, durante muito tempo, a leitura de obras literárias era um pressuposto básico da formação do leitor e isso aparece nos registros históricos que tratam da literatura como ferramenta de ensino-aprendizagem na escola, sobretudo por Zilberman (2003). O fato é que a Literatura permaneceu na escola, conforme a divisão pedagógica da leitura escolar, em dois tipos de atividades: a leitura ilustrada e a leitura aplicada.

A primeira trata-se de uma atividade de fruição e deleite, voltada quase que exclusivamente para a inserção do aluno no mundo da escrita ou para o manuseio livre de impressos, sendo esse o modo preferencial de uso do texto literário nos anos iniciais do ensino fundamental. A segunda, a leitura aplicada, se destina a promover

o conhecimento, ou seja, a leitura se destina ao aprendizado de alguma coisa do qual o texto é veículo. Trata-se do modo dominante da leitura nos anos finais do ensino fundamental e daí por diante, mudando-se o grau de complexidade dos textos e os fins imediatos da leitura. A literatura assume, neste caso, uma posição auxiliar no ensino de língua, contribuindo para a consolidação da competência de leitura e escrita por meio de exercícios de compreensão e outras estratégias didáticas aplicadas aos textos literários (COSSON, 2015, p. 32)

Para ampliar e compreender as leituras das crianças, fez-se necessário o entendimento de infância. Corsino explica que o conceito de infância e literatura infantil sofrem alterações ao longo da história:

A visibilidade da criança é ainda contraditória; ora ela é vista pela ótica da falta, do vir a ser, ora pelas suas competências e possibilidades. A imagem da criança enquanto sujeito ativo no mundo sócio-histórico-cultural, que interage no meio formando e transformando, ainda não está totalmente disseminada. (CORSINO, 2014, p. 127)

Acreditando-se na perspectiva de que a literatura pode contribuir para formar leitores mais autônomos e críticos, capazes de dialogar com o texto, refletimos sobre as experiências de leitura na escola. Ao debater sobre as experiências através da leitura, Colomer (2014, p. 62) afirma que:

As crianças podem obter experiências através da leitura de vasto conjunto de obras infantis e juvenis que realiza, com êxito, um duplo movimento: ajustar-se à capacidade dos leitores e ajudar-lhes a progredir. Definitivamente, as obras lidas ao longo da infância, com toda a experiência literária, propõem o acesso à formalização da experiência humana. (...) O trabalho escolar sobre obras deve orientar-se, pois, para a descoberta do seu sentido global, a estrutura simbólica onde o leitor pode projetar-se. A literatura oferece então a ocasião de exercitar-se nessa experiência e aumenta a capacidade de entender o mundo. Tal recompensa é o que justifica o esforço de ler.

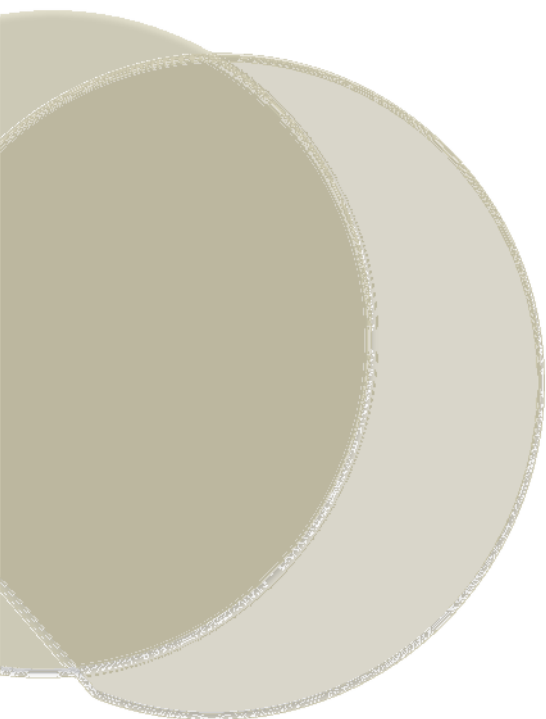
Desde modo, este portfólio literário pretende oferecer a diferentes grupos de alunos e seus professores uma ferramenta que os ajude a refletir, planejar e ampliar as vivências literárias na escola, proporcionando diálogos, práticas interdisciplinares, numa abordagem dialógica que permite pensar o aluno como sujeito capaz de estabelecer relações entre o conhecimento, interpretar melhor as histórias e o contexto em que vive.

Quanto ao papel humanizador da Literatura defendido por Candido, este nos

ajuda a pensar nas infinitas possibilidades de promover um amplo diálogo em sala de aula aproveitando as potencialidades do texto literário e o seu perfil humanizador, conforme enfatiza Candido:

Antonio Candido (2004) converge com elementos essenciais, que ajudaram a pensar essa pesquisa, ao defender o direito à literatura, considerando-a essencial ao exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres e o cultivo do humor. Considerando essas potencialidades do literário destacadas por Candido, notamos a sua plena correspondência com os quatro pilares da educação – o aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser – de modo que o direito à literatura se coaduna com o pleno desenvolvimento do indivíduo. Assim, o ensino de Literatura torna-se elemento primordial para promover o diálogo e favorecer uma educação mais humana e transformadora.

Nesse sentido, esperamos que esse portfólio possa contribuir para levar a literatura para dentro da escola, de modo a ganhar lugar e espaço nas rodas de leitura, nas conversas, nas propostas interdisciplinares, buscando uma leitura mais ampla do mundo, um olhar mais crítico para o nosso entorno e um maior cuidado e respeito com o outro e com o mundo.



Orientações de uso do Material

O portfólio foi planejado como uma ferramenta de apoio aos professores e profissionais ligados à atividade de leitura que desejam começar um trabalho pedagógico com a literatura infanto-juvenil. Compreendendo que o trabalho literário deve ser uma prática cotidiana nas escolas, esse instrumento pretende oferecer uma metodologia relacionada às práticas literárias que possam ampliar as vivências com o livro literário na sala de aula e nos espaços de leitura. É preciso compreender que a literatura é capaz de provocar debates, ampliar as possibilidades de leituras de mundo, aguçar o pensamento crítico, colaborando assim para a um diálogo com os quatro pilares da educação proposto por Delors (2003).

Procuramos criar sugestões didáticas através de uma metodologia detalhada que serão apresentadas no decorrer desse trabalho. Para isso, dispomos de situações cotidianas vivenciadas por crianças do 2º ano do Ensino Fundamental da Escola Sá Pereira, na cidade do Rio de Janeiro. As etapas metodológicas serão apresentadas a seguir, bem como as dicas literárias e o relato de uma oficina proposta na pesquisa.



Propostas das oficinas literárias



As atividades literárias são propostas em um planejamento prévio, objetivando proporcionar a leitura, o diálogo e a relação das crianças com as histórias e os livros; buscando estabelecer reflexões sobre texto e imagem, a fim de provocar inquietações, discussões e a exploração do que é lido.

A seleção dos livros literários leva em consideração os quatro pilares da educação. Como eles, muitas vezes, se interrelacionam, acredita-se ser possível favorecer o desenvolvimento das habilidades dos diferentes pilares e possibilitar um diálogo entre eles através de um mesmo livro.

Conta-se hoje com uma vasta gama de textos de literatura Infantil. Buscar uma literatura de qualidade é o primeiro objetivo. Segundo Colomer, “boas histórias para os leitores iniciantes partem de formas de narrativas mais elementares, mas utilizam recursos que permitem a possibilidade de se desviar delas, que se destinam a forçar os limites que a capacidade dos leitores impõe e que ajudam as crianças a ir mais longe na sua capacidade literária.” (COLOMER, 2014, p.67)

Ao debater sobre as experiências através da leitura, Colomer (2014, p. 62) afirma que:

As crianças podem obter experiências através da leitura de vasto conjunto de obras infantis e juvenis que realiza, com êxito, um duplo movimento: ajustar-se à capacidade dos leitores e ajudar-lhes a progredir. Definitivamente, as obras lidas ao longo da infância, com toda a experiência literária, propõem o acesso à formalização da experiência humana. (...) O trabalho escolar sobre obras deve orientar-se, pois, para a descoberta do seu sentido global, a estrutura simbólica onde o leitor pode projetar-se. A literatura oferece então a ocasião de exercitar-se nessa experiência e aumenta a capacidade de entender o mundo. Tal recompensa é o que justifica o esforço de ler.

Desde modo, esse portfólio literário pretende oferecer a diferentes grupos de alunos e seus professores uma ferramenta que os ajude a refletir, planejar e ampliar as vivências literárias na escola, proporcionando diálogos, práticas interdisciplinares, numa abordagem dialógica que permita pensar o aluno como sujeito capaz de estabelecer relações entre o conhecimento, interpretar melhor as histórias e o contexto em que vive.

Metodologia

Esse produto consta de uma metodologia detalhada e fundamentada que pode ser vista na pesquisa desenvolvida ao longo da dissertação do Mestrado Profissional (MPPEB-CPII). Para que essa metodologia acontecesse, fez-se necessária a observação da capacidade leitora de crianças de 7 e 8 anos do 2º ano do Ensino Fundamental. Além disso, foram necessárias a avaliação crítica da leitura literária e a aplicação do Produto Educacional, por meio dos seguintes instrumentos metodológicos:

- i. revisão bibliográfica;
- ii. levantamento, seleção e análise de livros literários adequados ao estudo;
- iii. atividades literárias com o grupo de crianças de 7 e 8 anos do segundo ano do Ensino Fundamental;
- iv. observação e registro de campo.
- v. construção do Produto, através do registro de práticas e sequências didáticas literárias na sala de aula. A seleção dos livros literários levou em consideração os quatro pilares da educação.



As atividades literárias foram propostas em um planejamento prévio, buscando proporcionar a leitura, o diálogo e a relação das crianças com as histórias e os livros; tentou-se estabelecer reflexões sobre texto e imagem, a fim de provocar inquietações, discussões e exploração sobre o que foi lido. As etapas a seguir fazem parte da proposta desse produto, que apresenta uma sequência didática de trabalho com a literatura para favorecer o diálogo, as trocas e a interdisciplinaridade na escola. Essas práticas preveem a seguinte organização:

- **1º momento:** roda de apresentação do livro literário.
- **2º momento:** leitura exploratória da obra e observação das imagens e projeto gráfico.
- **3º momento:** discussão coletiva sobre a obra, com provocações para pensar nos pilares e no que a leitura propõe de diálogos, interpretações e debates em grupo.
- **4º momento:** proposta de atividade coletiva que implique nas relações, no convívio e construção de um produto em grupo.
- **5º momento:** pretende-se aliar esse trabalho em sala com alguma outra aula oferecida na escola como: Teatro, Música, Dança ou Artes plásticas, a fim de proporcionar desdobramentos da literatura em outras aulas da escola, permitindo um diálogo interdisciplinar e vivenciando, a partir das expressões artísticas, as experiências com a literatura.

As observações e registros de campo serão realizadas através de um tripé que inclui:

- Caderno de campo da pesquisadora com planejamento das oficinas e notas pós-encontro;
- Registro das oficinas de leitura em caderno de campo;
- Observação e análise do material coletado das atividades propostas.

O registro das atividades foi fundamental para construção deste Produto, que trata-se de um portfólio literário com descrição das atividades que podem ser compartilhadas em diferentes espaços escolares e com diferentes alunos, com o propósito de ampliar a vivência literária das crianças, proporcionar um diálogo com diferentes linguagens e favorecer práticas em que o aprender a ser, aprender a fazer, aprender a conhecer e aprender a conviver na escola, possam ser favorecidos pela

literatura.

A fim de ajudar o leitor a compreender de forma mais aprofundada cada etapa dessa pesquisa, fez-se importante detalhá-las, já que esse trabalho, além de sua função como estudo teórico sobre a literatura, também servirá de instrumento e produto para outros professores em suas práticas.

Para que essa pesquisa se concretizasse, foi importante organizar o material em diferentes momentos de apresentação, leitura, conversa e ação sobre as histórias lidas, a fim de promover um debate mais amplo sobre as histórias, ampliar as vivências literárias e provocar situações de diálogo e algumas vivências em que o conviver, o aprender, o ser e o fazer sejam ampliados.

1º momento: roda de apresentação do livro literário.

Descrever esse momento detalhadamente é fundamental para criar ferramentas e instrumentalizar o professor nas atividades de estímulo à leitura. Apresentar o livro consiste em muito mais do que mostrá-lo didaticamente apresentando capa, autor, ilustrador e título. Encantar o leitor demanda afeto, e, segundo Morin, (2017, p. 102): “Podemos afirmar que o conhecimento se alimenta de afetividade e a afetividade se alimenta do conhecimento”. É preciso critérios para selecionar previamente o livro e lê-lo cuidadosamente de antemão. Quando os olhos do leitor brilham e demonstram encantamento pelo que está sendo apresentado, o leitor em formação se sente instigado a compreender por que o outro se encanta tanto e se sente contagiado pelo professor leitor.

Bajour (2012, p. 27) nos ajuda a pensar nessa escolha do livro ao afirmar que:

Ao escolhermos o que será lido com os outros, estamos imaginando por onde poderemos introduzir os textos nas conversas literárias, por onde entrarão os demais leitores, que encontros e desencontros a discussão poderá suscitar, como faremos para ajuda-los nesses achados, como deixaremos aberta a possibilidade de que o próprio texto os ajude com algumas respostas ou lhes abra caminho para novas perguntas, como faremos para intervir sem fechar sentidos.

Pensar nessas escolhas previamente exige um certo conhecimento sobre os leitores ouvintes da história. Quais os seus interesses? Qual é a idade? O que esse grupo gosta de ler e ouvir? Como fomentar novas leituras e instigar a ampliação do

repertório literário? Essas são perguntas constantes que movem a escolha literária do professor, mas sem dúvida, considerar o próprio gosto literário, a qualidade literária, o projeto gráfico e as ilustrações é fundamental.

Definir o que será lido na escola, também consiste em refletir sobre **qualidade literária** e seus critérios para se sobrepor ao que parece apenas um julgamento de valor. Afinal, o que caracteriza uma literatura infantil de qualidade? Preocupadas com os critérios de qualidade, sobretudo para escolher os livros das bibliotecas escolares para o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), desenvolvido desde 1997, as professoras Corsino e Thomé (2005) elaboraram um texto que discute os Critérios para a constituição de um acervo literário para as séries iniciais do Ensino Fundamental: o instrumento de avaliação do PNBE, com o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura.

Nesse trabalho, as autoras apresentam um instrumento de avaliação contendo quatro categorias de análise e seus respectivos desdobramentos conceituais. A primeira categoria é a de elaboração literária, a segunda a de pertinência temática, a terceira a de qualidade de ilustração e, por fim, uma última categoria avaliou a adequação do projeto gráfico editorial. O objetivo do texto é discutir aspectos constitutivos das relações entre a qualidade do acervo literário da escola, a leitura literária, o letramento literário nas séries iniciais, a formação de professores-leitores e sua importância no processo de escolha, seleção e mediação da leitura de gênero literário, que apresenta suas especificidades dentre as leituras de outros tantos gêneros que se vêm propondo na escola básica (CORSINO e THOMÉ, 2005, p. 1). As autoras afirmam o quanto foi difícil definir esses critérios e como precisaram pensar na literatura infantil e no papel desta na escola. Para isso, precisaram recorrer a muitos outros autores que trataram do assunto e discorreram historicamente sobre a questão.

O primeiro critério usado nesta seleção foi a elaboração da linguagem literária, que se refere à complexidade de linguagem no que diz respeito aos recursos linguísticos empregados para se produzir efeitos estéticos. Foram levadas em consideração as qualidades textuais básicas, tais como coerência, coesão, progressão e consistência.

Os textos narrativos foram avaliados em relação a aspectos tais como a ambientação e a caracterização das personagens, o cuidado com a

correção e a adequação do discurso das personagens a variáveis de natureza situacional e dialetal. Já os textos poéticos puderam ser analisados quanto a aspectos inerentes ao que produz a qualidade literária deste gênero, tais como rimas, ritmo, escolhas significantes adequadas à produção de sentidos e outros. A elaboração literária foi analisada no quanto o texto produz, inova, inventa no seu tempo em relação à linguagem cotidiana e à tradição literária. A apropriação da linguagem cotidiana torna-se um parâmetro importante de ser observado, se pensamos no sentido de Bakhtin (1992) quando este autor se refere à incorporação constitutiva de gêneros primários (usados na oralidade, familiares, presentes na vida cotidiana) pelos gêneros secundários, nos quais se inclui a literatura. É na tensão entre estes dois eixos que ocorre a inscrição numa tradição de gêneros da escrita. Ao operar com os recursos da linguagem de tradição literária, utilizados de preferência de modo surpreendente, o texto contribui para a experiência estética do leitor. (CORSINO e THOMÉ, 2005, p. 2)

O segundo critério escolhido pelas autoras, foi a pertinência temática, sendo observado o tratamento do tema tendo como foco os interlocutores. Além disso, analisou-se a possível produção de sentidos que a obra literária pode provocar nos seus leitores – autônomos e ouvintes - crianças ou quase jovens, tendo em vista suas identidades sociais e culturais e de seus professores mediadores da leitura.

Esse critério é fundamental na escolha das obras para essa pesquisa, já que, na escolha dos livros, se considera textos que possam ampliar as discussões sobre os pilares da educação. A grande preocupação nessa escolha é fugir do caráter moralizante, tão impregnado em muitas obras literárias, a fim de garantir que eles possam provocar o aluno a pensar coletivamente na convivência, no aprender, no conhecer a si e ao outro. Corsino e Thomé, 2005, nessa categoria consideraram:

a maneira complexa, dialógica, provocadora e aberta com que o tema é tratado no texto, deixando pontos de indeterminação para serem preenchidos pelo leitor. O oposto seria o tratamento didatizante, moralizante e até mesmo maniqueísta e preconceituoso do tema. Cabe ressaltar, que não se trata da não pertinência de uma abordagem de temas religiosos, políticos, morais ou informativos, mas sim da forma com que estes são apresentados em detrimento de um trabalho literário provocativo capaz de instigar o conhecimento de outros mundos e de remeter às questões de diversidade cultural. Sendo assim, quanto mais polifônicos o tratamento do tema, a complexidade do enredo, o desenvolvimento do conflito, a construção dos personagens, a possibilidade de fruição estética, o distanciamento do senso comum etc melhor avaliado foi o texto, quando mais fechado, monológico e preconceituoso, pior. (CORSINO e THOMÉ, 2005, p. 3)

Outro critério muito importante nessa análise, sobretudo para essas crianças,

tão interessadas nas artes, nos desenhos, e que convivem com diferentes linguagens desde tão cedo, foi a ilustração. Quanto à ilustração, foi observada a relação estabelecida entre o aspecto visual e o verbal do texto, assim como o diálogo entre o verbal e o não-verbal, também visto na sua dimensão polifônica. Uma ilustração que retrate literalmente o que o verbal expressa não estabelece uma leitura dialógica do texto literário, já uma ilustração que busque atravessar o verbal em sua referencialidade e estabelecer a partir dele uma leitura própria, propositiva e criativa, pode ser considerada uma boa ilustração.

Os avaliadores buscaram identificar se o universo de significação era afetado pela imagem, se as imagens marcavam uma plurissignificação pelo tratamento estético visual que traziam para o texto verbal. Os aspectos observados foram: qualidade da apresentação dos componentes da ilustração (cenário, personagens, ação e outros); organização da composição (planos, ângulos, luz, contraste, inacabamento, uso de cores ou branco e preto e outros); técnicas empregadas e sua adequação ao tema (guache, aquarela, gravura em metal, colagem, fotografia, massinha, imagens de síntese em computador, desenho e outros).

Apreciar esteticamente um livro, observar a ilustração, tecer diálogos entre imagem e texto é um exercício muito importante para leitor de literatura infantil. A imagem provoca, instiga e, como afirma as autoras, ela precisa atravessar o verbal. A criança pequena, muitas vezes, estabelece o primeiro contato com o livro pelas imagens. Busca apreciá-las, compreendê-las, fazendo as primeiras relações com o texto. Muitas vezes, nossas rodas são dedicadas a falar sobre as ilustrações, pensando nas técnicas usadas, nas cores, nos vazios, nos diálogos que estabelecem com o leitor e com o texto.

No último critério estabelecido pelas autoras, encontra-se o projeto gráfico, que é o que dá visibilidade e legibilidade à obra, tornando-se um convite inicial à leitura através do que está proposto como formato tátil, gráfico e funcional.

Nesta categoria foi avaliado o objeto livro no seu formato, tamanho, capa, contracapa, relação da mancha textual com a ilustração, contraste letra/fundo, tamanho da letra, qualidade e textura do papel, técnica e cores empregadas, bem como a adequação e dosagem de informações complementares ao texto literário para contextualização da obra, funcionalidade de sumários, glossários e dados biobibliográficos dos autores e ilustradores. Na avaliação da qualidade

da elaboração gráfica procurou-se perguntar se, na adoção de uma técnica gráfica específica, os recursos utilizados contribuíram para a expansão da leitura do texto verbal, ou seja, se as opções técnicas atribuíram maior ou menor sentido às imagens, contribuindo para a formação estética do leitor. (CORSINO e THOMÉ, 2005, p. 6)

A qualidade técnica do projeto gráfico foi analisada pelas autoras em relação ao investimento na proposta, sua inovação, o diálogo que estabelece com o texto literário e as ilustrações, a possibilidade de ampliação dos sentidos a serem construídos na leitura literária e o valor que acrescenta à obra literária. Esses são critérios fundamentais para ajudar no diálogo dos leitores com as obras. O livro precisa, portanto, ser atrativo, convidativo para a criança, pois a forma como é apresentado pelo professor em sala colabora imensamente para que desperte interesse e curiosidade nos leitores.

Um livro atrativo e com um projeto gráfico bem elaborado já colabora com esse convite ao leitor para participar da roda de leitura. Essa apreciação é a proposta do próximo momento da pesquisa.

2º momento: leitura exploratória da obra e observação das imagens e projeto gráfico.

Para discutir esse momento de leitura literária, precisamos pensar nas práticas de leitura em sala, na postura do professor leitor, na organização das rodas de leitura e na escolha do que está sendo lido.

Para pensar novas práticas escolares de leitura com as crianças e despertar o desejo de ler, é preciso escutá-las, conhecer os gostos, suas opiniões, suas preferências e suas ideias; é preciso oferecer espaços para que as crianças possam conviver com os livros e ter respeitados os seus próprios caminhos e escolhas. (COELHO e CORSINO, 2014, p. 209)

Essa escolha prévia exige do leitor um olhar criterioso para as ilustrações, o projeto gráfico, a fim de oferecer um objeto que instigue o desejo do leitor de conhecê-lo e dele se aproximar de forma curiosa e afetiva. Um livro que se preocupa com esses critérios se torna um convite para o leitor, mas também é necessário conhecer bem a obra. Saber o que a história conta, sobretudo nesse projeto em que se pretende

estabelecer diálogos e relações com o que é lido e com os quatro pilares da educação.

Bajour (2012, p. 31) ao falar da escolha dos livros para crianças entre 8 e 9 anos para oficinas de literatura, afirma que:

Na busca dessas professoras resplandece, com vigor, a confiança no modo como esses alunos de 8 ou 9 anos podem relacionar com livros que os desafiam, que não os infantilizam, que os convidam a ser ativos pesquisadores de como os textos são produzidos e não apenas reconstrutores de argumentos. Livros que dialogam com a sensibilidade estética das crianças, sobretudo numa etapa da vida em que tudo é iniciação, experimento, fertilidade, pergunta em aberto.

Esse momento crucial consiste na apresentação do livro às crianças. Criar situações em que o livro aparece de forma enigmática e instigante e suscita no leitor um encantamento, uma provocação, sobretudo nas crianças menores. Um baú que guarda o livro de forma mágica, um personagem que sai das histórias, um fantoche que ajuda a apresentar o livro, uma luz de abajur fraquinha ou uma vela ajudam a criar o ambiente do leitor. Uma roda com tecidos, umas folhas secas de árvore no chão ou um outro ambiente como um parque, uma praça, um jardim, criam um cenário para que essas histórias aconteçam.



Imagem 1- Nas imagens, um momento em que personagem e cenário instigam a imaginação e o encantamento dos leitores.

Uma conversa prévia com os leitores ouvintes também ajuda a situar a história que será lida. Falar um pouco sobre o autor, apresentar o ilustrador e tratar dos detalhes da ilustração, pensar no título, enfim, são abordagens que proporcionam uma ambientação adequada do livro e funcionam como um convite para conhecer a história

que há dentro dele.

A leitura precisa ser feita com voz audível, boa entonação e para isso é fundamental que o professor leia previamente a história, conheça os personagens, entenda as pausas e os silêncios que o texto pede. Nada é mais desconfortável que começar a leitura de uma história e, no meio da narração, o contador de histórias ser obrigado a interrompê-la por descobrir que o texto não está apropriado aos seus ouvintes. Grave também é não conhecer previamente o texto e não conseguir imprimir significação, ênfase e emoção adequadas nas partes que as exigem.

Quando conhecemos a história, depositamos nela as nossas marcas pessoais e os marcos interpretativos e de entonação que se tornam relevantes para o jovem leitor identificar os contornos narrativos e os traços identitários dos personagens. Podemos brincar com o tom de voz, pronunciar de forma mais segura as palavras, conceder maior ou menor velocidade a uma narração, de acordo com o efeito que se deseja obter. É muito importante também procurar respeitar o texto do escritor.

O contador, muitas vezes, por achar difíceis as palavras do texto, procura modificá-las empobrecendo a leitura ou deixando de garantir a verdadeira autoria. Além de restringir o conhecimento do leitor ouvinte, o leitor de histórias acaba por subestimar a capacidade dos pequenos ouvintes, impedindo que eles possam enriquecer o vocabulário com novas palavras. Aguiar (1999, p. 246) nos ajuda a ampliar essa reflexão ao afirmar que:

Escrever para a infância, não é escrever pobre, mas escrever fluente, as expressões novas explicando-se no contexto da frase e do texto, na situação de comunicação. Acentuamos que não se fazem concessões empobrecedoras, mas na maneira que se risca a linguagem pernóstica. A criança está exposta ao mundo e convive com os falantes ao seu redor. Com eles aprende a se expressar, com eles dialoga sem necessitar de um dialeto especial. A literatura assim, também não precisa valer-se de um jargão rebaixado.

Uma leitura bem narrada, com entonação adequada, já carrega em si os significados das palavras e ajuda os alunos nessa interpretação. Ao ler e contar histórias, é importante preparar o leitor para esse momento. Garantir, por exemplo, que o espaço de fala vai existir, após o término da contação de história, acalma aquelas crianças mais ansiosas para falar, que costumam interromper a história para fazer comentários e tentar entender alguma parte. Costumo começar com a frase:

“neste momento nada é mais importante que a história que vai ser contada!” Dessa forma, a valorização do momento da leitura garante a importância da história que mora no livro e que ganhará sonoridade na roda, sendo ouvida por todos.

As crianças sabem de antemão que poderão opinar, falar e comentar a história que ouviram e, esse momento de escuta, quando conduzido de forma cuidadosa e respeitosa, ajuda a formar o leitor, a ampliar a capacidade discursiva e a tecer conversas que são muito importantes no cotidiano escolar. O lugar da literatura precisa, portanto, ser defendido. As histórias devem continuar tendo importância na vida das crianças e, em especial, no espaço da sala de aula. Ao tratar do caráter socializador da literatura, Aguiar afirma que:

Os conteúdos dos textos, só adquirem sentido, quando expostos à investigação de quem lê, isto é, eles vivem através da regência do leitor. (...). Por tais vias, queremos salientar o caráter socializador da literatura, já que ela só se faz no diálogo com seu receptor. Por isso, ela pode atenuar os egocentrismos acentuado, próprio dessa fase do desenvolvimento, dando margem a novas formas de interação com o mundo. Por essas vias, descobrindo o outro, o sujeito se encontra enquanto ser humano: a consciência do outro leva-o à si mesmo e das possibilidade de comunicação com os seus pares. (AGUIAR, 1999, p. 245)

Quando Aguiar defende esse lugar da literatura, nos ajuda também a pensar no seu papel humanizador, tão discutido nessa pesquisa, e a refletir sobre os pilares, aprender a conviver e aprender a ser. Dessa forma, podemos defender o lugar das oficinas literárias na escola, na medida em que a literatura é capaz de provocar o diálogo a partir da interação leitor/receptor. Para que esse momento seja significativo, o professor precisa ser leitor, ou seja, ampliar suas buscas literárias, ir a livrarias, procurar livros em catálogos, visitar bibliotecas.

Nos dias atuais, além dos livros escritos por críticos e especialistas em literatura infanto-juvenil, podemos contar também com blogs de literatura, sites de autores e editoras que apresentam suas obras e lançamentos, além de feiras e bienais que trazem uma gama importante de livros, favorecendo a oferta e possibilitando aos professores o contato direto tanto com obras clássicas e de autores consolidados no mercado, quanto com livros e autores novos. A preocupação em conhecer o mercado editorial para essa faixa etária (de leitores iniciantes) e, especialmente, em ter acesso a uma literatura infanto-juvenil de qualidade deve ser um dos aspectos mais

importantes na construção de um projeto ou de um planejamento de ensino de literatura.

3º momento: discussão coletiva sobre a obra, com provocações para pensar nos pilares e no que a leitura propõe de diálogos, interpretações e debates em grupo.

Nessa pesquisa, um momento se entrecruza com o outro: apresentar o livro, ler para o grupo, propor um debate, são etapas comumente vividas na escola. Mas o que pretendemos ao delimitar cada etapa, falando da sua importância e da necessidade de estudar e conhecer mais amplamente a literatura infantil, suas obras, sua história, tem a ver com a importância que damos para esse momento. Com o valor que ele tem na rotina escolar, quando valorizado e compreendido em toda a sua riqueza.

Corsino & Pimentel nos ajudam a pensar esse lugar da literatura na escola ao afirmar que:

Pensar sobre literatura na escola básica é principalmente reconhecer a importância do acesso das crianças aos livros. Compreendendo as crianças como produtoras de cultura, não podemos abrir mão de perceber como elas lidam com a literatura, o que fazem quando estão com os livros em suas mãos, o que levam para suas brincadeiras das histórias que escutam/leem. (CORSINO e PIMENTEL, 2014, p. 162)

Outra autora que contribui imensamente para pensar as práticas de leitura na escola é Cecília Bajour (2012) em seu livro: Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura. A autora considera o que é essencial nessa pesquisa: ouvir, estar atento ao que o leitor tem a nos dizer, considerar a escuta no trabalho de leitura e na formação dos leitores. Ceccantini, ao apresentar essa obra ao leitor no prefácio do livro, afirma que:

A pesquisadora discorre sobre a enorme importância da escuta para o sucesso no trabalho com a leitura e com a formação de leitores, enfatizando, no trabalho do mediador, o que pode haver de intencionalidade nessa atividade e os desdobramentos significativos que daí decorrem, na medida em que afirma, nós adultos quando escutamos de maneira singular com que as crianças nomeiam o mundo, colocamos em saudável tensão nossas fibras interpretativas. (BAJOUR, 2012, p. 10)

Em seu livro, Bajour defende uma concepção dialógica da leitura e da formação de leitores, em que predomine a negociação de sentidos. A autora insere também o processo de conversação literária, destacando a função de maior relevância. Para a autora, esse ouvir transformado supõe intencionalidade, consciência, atividade, não apenas um registro passivo e, por vezes, distraído dos sons do outro. (BAJOUR, 2012, P. 19)

Pensando nessa pesquisa – pretende-se, através da literatura infantil, criar diálogos, propor rodas de histórias para que as crianças possam estabelecer relações entre o que leem, o que já sabem, o que ainda pretendem aprender. A partir desses aspectos, podemos refletir sobre o quão importante é para o mediador de leitura o saber ouvir, especialmente como forma de ampliar o aprender a saber, a conviver, a fazer e a ser. É importante enfatizar que a educação baseada nos pilares precisa reconhecer a sua própria ação como um ato de aprendizagem contínua do professor, especialmente no que se refere à escuta de seus alunos como uma importante faceta do aprender a viver juntos.

Ao abordar a fala das crianças, Bajour afirma que:

A fala das crianças é habitada por surpreendentes esforços metafóricos de ir além de um universo de palavras que começa a ser construído e ainda é pequeno. Também por silêncios (...) a leitura compartilhada de alguns textos, sobretudo literários, muitas vezes é uma maneira de evidenciar, sempre considerando a intimidade e o desejo do outro, a ponta do iceberg daquilo que se sugere por meio de silêncios e palavras. (2012, p. 20)

Pensar nesse momento de discussão coletiva enfatiza, então, essa importância do ouvido atento, aberto às falas e aos silêncios que essas crianças propõem na roda. Nesse hábito de ouvir e ler histórias e de poder falar delas, dialogar sem medo, sem podas e amarras, é que a escola muitas vezes se impõe a transformar o fazer cotidiano. Poder opinar, ser ouvido, silenciar e escutar, precisam ser práticas da escola e o texto literário pode contribuir para que isso aconteça. Bajour afirma que:

Se a escuta for mobilizada em um encontro coletivo de leitura graças a mediação que qualifique a “levantada de cabeça” de cada leitor- suas associações pessoais, ideias, descobertas e interpretações- isso poderá materializar em um ato em que todos os participantes terão possibilidade de socializar significados. A explicitação daquilo que

sussurra nas cabeças dos leitores- ou seja a manifestação da palavra, do silêncio e dos gestos que o encontro com os textos suscita- leva-me a compartilhar a afirmação de Aidan Chambers de que a leitura consiste em grande medida na conversa sobre os livros que lemos. (2012, p. 21 e 22)

“Falar sobre os textos é voltar a lê-los”: essa afirmação de Bajour nos ajuda a pensar nesse momento essencial da pesquisa. Momento de escuta, de diálogo e de estabelecer relações. Cada livro ofertado na roda ou nas leituras de sala proporciona um convite ao leitor-ouvinte a ampliar suas leituras de mundo, a promover a conversa e exercitar democraticamente o direito de falar, de silenciar de opinar e, dessa forma, permitir que o leitor possa ultrapassar o livro, explorando em profundidade as entrelinhas não somente do texto, mas também de si mesmo e do outro:

O regresso aos textos por meio da conversa sempre traz algo novo. A princípio para quem fala, já que escuta enquanto diz a outros o que o texto suscitou em si e desse modo ensaia sua leitura como uma música quando lê a partitura. Nesse ensaio, a pessoa muitas vezes se surpreende com os sons de sua própria interpretação. Pôr para fora, para outros, a música quando lê a partitura. Pôr para fora, para outros, a música de nossa leitura pode nos revelar os realces que conferimos àquilo que lemos, as melodias que evocamos ou a percepção de sua ausência, os ruídos ou os silêncios. (BAJOUR, 2012, p. 25)

Aprender a ouvir poderia ser mais um dos pilares da educação. Exercitar a escuta e aprender a ouvir nas entrelinhas é um exercício contínuo de professores e alunos. Ouvindo e acolhendo as falas, estabelecendo relações e, escutando as nossas próprias interpretações, possibilitamos que o conhecimento se amplie, que possamos falar das nossas emoções, das nossas experiências, do mundo que nos cerca.

Madalena Freire (2008), ao discutir o olhar do observador, atenta para nossos sentidos. Para a autora, o ver e o escutar fazem parte do processo da construção do olhar do educador. Não fomos educados para a escuta, em geral, não ouvimos o que o outro fala, mas sim o que gostaríamos de ouvir. Neste sentido, imaginamos o que o outro estaria falando. Quando isso ocorre não partimos da fala do outro, mas da nossa fala interna e reproduzimos o monólogo que nos ensinaram. O mesmo acontece com o nosso olhar estereotipado, estático, querendo ver só o que nos agrada, o que já sabemos e o que reproduz um olhar de monólogo. Um olhar e uma escuta sem

sintonia com o outro, alienada da realidade do grupo. Ver e ouvir demanda implicação, entrega ao outro. (FREIRE, 2008, p. 45)

Eis aí o grande desafio dessa pesquisa, o de deslocar não só do nosso lugar de detentor de um suposto saber, mas de estar atento para ouvir e enxergar além de nós mesmos. De perceber que a forma como a literatura pode se aproximar do outro não é a mesma que me aproxima, que o entendimento que cada um tem do texto tem a ver com suas experiências, suas escolhas, seus saberes e sobretudo, sua sensibilidade.

A criança é carregada de emoção e se inquieta, se incomoda, fala, agita e, muitas vezes, nesse frisson da sala é que saem suas verdadeiras interpretações, as provocações mais internas do texto, os medos, a brincadeira, as palavras soltas e risonhas ou os gestos mais agressivos e carregados de temor. Ser professor é estar atento a isso. É entender como o texto atravessa cada aluno, o que, muitas vezes, é diferente do previsto, do registrado no nosso “caderno” de planos. A sala nos surpreende, nos aflige e nos desafia. Sensibilizar pela arte, pela poesia, pela literatura é estar aberto a isso, é aceitar essa provocação, nutrindo com literatura e nutrindo-se dela. Queirós nos ajuda a pensar nisso quando afirma que:

A escola não percebe que a literatura exige do leitor uma mudança, uma transferência movida pela emoção. Não importa o que o autor diz, mas o que o leitor ultrapassa. E a literatura é feita de palavras e é necessário um projeto de educação capaz de despertar o sujeito para o encanto das palavras. (...) Por ser assim, trabalhar com a palavra é compreender seus limites e apresentar para o leitor um convite para adivinhar o que está obscuro no texto e só ele é capaz de desvendar. (QUEIRÓS, 2012 p. 67, 68)

Desvendar as palavras e, através delas estabelecer relações é o que se propõe nesse momento da pesquisa. Momento em que é fundamental saber ouvir e estar atento ao que ultrapassa o leitor em suas interpretações, suas falas e seus silêncios. Não numa busca de construir significados, mas de provocar e compreender onde cada um consegue chegar com essa provocação.

4º momento: proposta de atividade coletiva que implique nas relações, no convívio e construção de um produto em grupo.

Dos diálogos propostos e estabelecidos nas conversas sobre o texto lido, podemos ser instigados a produzir coletivamente algo que possa trazer uma representação para a história lida. Seja um cartaz, uma peça de teatro, um desenho individual ou coletivo, uma brincadeira, uma horta, uma música. A possibilidade de expressar através de outra linguagem é um convite, não uma obrigação ou um dever a ser cumprido. É preciso muita sensibilidade para entender e perceber o que é proposto, para não fazermos desse momento literário mais uma atividade a ser cumprida.

As crianças geralmente nos indicam caminhos a serem seguidos. Na instituição em que essa pesquisa foi realizada, já se trabalha com muitas outras linguagens artísticas, de modo que esse tipo de abordagem geralmente acontece com muita naturalidade. Não é incomum ver um livro com ilustrações ricas e divertidas servirem de convite ao desenho, à pintura; ou mesmo um personagem atrativo da história virar o centro de uma peça na aula de teatro. As crianças já aprendem desde cedo a apreciar esteticamente as obras e isso nos obriga a estar abertos e sensíveis para essas outras linguagens. Bajour nos ajuda nessa discussão ao afirmar que:

Hipóteses não expressas em jargão técnico sobre literatura e artes visuais se manifestam em palavras, atitudes ou gestos extremamente originais de crianças, adolescentes ou adultos que, se há alguém disposto a escutá-los, sempre têm muito o que dizer sobre como os textos são feitos. (BAJOUR, 2012, p. 39)

Assim, as crianças vão definindo para nós os caminhos, como nos projetos de investigação, que o professor vai pesquisando, alimentando e fomentando as buscas dos alunos. Freire (2008) afirma que no processo de educar, o educador faz arte, ciência e política. Faz política, quando alicerça seu fazer pedagógico a favor ou contra uma classe social determinada. Faz ciência, quando estrutura sua ação pedagógica, apoiado no método de investigação científica. Faz arte, porque se defronta com o processo de criação, porque valoriza a estética na sua prática educativa ao lidar com o imaginário e o inusitado cotidianamente. A ação criadora envolve o estruturar, dar forma significativa ao conhecimento. Toda ação criadora consiste em transpor certas possibilidades latentes para o campo do possível, do real. (FREIRE, 2008, p. 63, 64)

5º momento: pretende-se aliar esse trabalho em sala com alguma outra aula

oferecida na escola como: Teatro, Música, Dança ou Artes plásticas, a fim de proporcionar desdobramentos da literatura em outras aulas da escola, permitindo um diálogo interdisciplinar e vivenciando, a partir das expressões artísticas, as experiências com a literatura.

A literatura nos ajuda nesse fazer da arte, da ciência e da política. Por ser múltipla e provocadora, nos instiga a pensar nas diferentes linguagens e a perceber qual é o melhor caminho para ampliar cada obra. Através de qual linguagem podemos seguir? Muitas vezes, ela se basta sozinha e o texto se silencia dentro de nós deixando, em cada um, seus escritos e desenhos guardados. Bajour dialoga com essa provocação ao afirmar que: “Além de aprender a escutar os silêncios dos textos e colocá-los em jogo nas experiências de leitura, os mediadores podem aguçar o ouvido aos modos particulares que os leitores têm de se expressar e de fazer hipóteses sobre seus achados artísticos”. (BAJOUR, 2012, p. 59)

Se, muitas vezes, o silêncio ou a conversa momentânea sobre o livro basta; outras, o livro nos provoca a sair, a brincar, a correr, a plantar, a expressar, no corpo, as palavras. Quanta sensibilidade essa provocação exige de nós professores! Morin, afirma que, na grande arte, existe a complexidade de uma fuga do real imediato na qual reencontramos o real de nossa condição com paixão, compaixão, compreensão. Existe simultaneamente, fuga do real e invasão pelo real. (MORIN, 2017, p. 99-100)

Muitas vezes, esse diálogo vai ao encontro de algo já vivido na escola e nos leva a reexperimentar e, não mais do mesmo modo, viver o vivido. O livro extrapola a sala. Vai para a janela virar poesia, vai para o corredor virar um cartaz, um desenho, uma arte. Vai para a dança brincar com o corpo, vai para o teatro para ganhar outros enredos.

A escola precisa estar aberta a essas linguagens e não acreditar que o lugar do livro é só o caderno, as fichas de interpretação, ou a prova para uma avaliação. Isso é empobrecer demais a literatura. Soares, Queirós, Corsino, Candido e tantos outros autores nos ajudam a pensar nesse lugar do texto literário. Queirós afirma que:

O que leva a diferenciar um texto literário de um texto didático reside no fato de que o texto didático procura a convergência, todos os leitores chegando a mesma resposta, apontando para um único caminho e o texto literário procura a divergência. Quanto mais diversificado as

considerações, quanto mais individuais as emoções, mais rico se torna o texto. (QUEIRÓS, 2012, p. 74)

Deste modo, dar vez a voz de cada um para que possa se expressar sobre o texto lido é a provocação deste momento. Como o texto chegou no aluno? Que inquietações provocou? Como contribuiu para que a criança pudesse aprender, conhecer, conviver e ser um sujeito mais respeitado no seu espaço e nas suas individualidades, acreditando que no respeito a individualidade se constrói o coletivo? Muitas histórias nos ajudam a pensar na convivência humana. Muitos autores têm levado para seus textos a diferença e a necessidade de respeitá-las. Muitas histórias têm trazido a diversidade como tema central, ajudando a pensar na questão do negro, do deficiente, do pobre ou da mulher, aguçando o olhar para o respeito humano.

Como a literatura pode nos ajudar a conviver melhor? Como pode nos ajudar a aprender com o outro e com nós mesmos? Como nos ajuda a ser? Como nos ensina a fazer? É nessa busca de estabelecer esses diálogos, que as oficinas são propostas. Só sabendo ouvir e olhar cada sujeito é que podemos construir um caminho mais humano na educação e, sobretudo, podemos de forma interdisciplinar propor diálogos entre a literatura e outras linguagens próprias do humano que precisam ter lugar na escola.

A escola não pode ser apenas um espaço do aprender a ler e escrever, mas precisa assumir esse lugar do diálogo e da formação humana. Esse é o papel fundamental da escola e, mais do que nunca, precisa ser defendido, pois políticas públicas educacionais, especialmente no Brasil, tendem a cercear o lugar da escola e a sua função principal de despertar a consciência do sujeito para o seu papel ativo no mundo, conforme vemos no documento da Unesco que discute a educação para o século XXI:

(...) o conceito de educação ao longo de toda a vida, dadas as vantagens que oferece em matéria de flexibilidade, diversidade e acessibilidade no tempo e no espaço. É a ideia de educação permanente que deve ser repensada e ampliada. É que, além das necessárias adaptações relacionadas com as alterações da vida profissional, ela deve ser encarada como uma construção contínua da pessoa humana, dos seus saberes e aptidões, da sua capacidade de discernir e agir. Deve levar cada um a tomar consciência de si próprio e do meio ambiente que o rodeia, e a desempenhar o papel social que lhe cabe enquanto trabalhador e cidadão. (DELORS, 2003, P.18)

Assim, podemos pensar no valor da dimensão ética e cultural da educação e, deste modo, dar a cada um os meios de compreender o outro, na sua especificidade, e de compreender o mundo. Delors ainda afirma que:

(...) é preciso começar por se conhecer a si próprio, numa espécie de viagem interior guiada pelo conhecimento, pela meditação e pelo exercício da autocrítica. Esta mensagem deve orientar qualquer reflexão sobre educação, em conexão com o desenvolvimento e o aprofundamento da cooperação internacional, no âmbito da qual se alcançarão as soluções propostas. (DELORS, 2003, p. 19)

Deste modo, educar é conhecer a si mesmo, mas conviver com a sociedade num âmbito de cooperação, de diálogo, de interação. Aguiar (1999, p. 248) afirma que:

À medida que a pesquisa em leitura avança, alargam-se os campos interdisciplinares, pela necessidade de dar conta da complexidade cultural do mundo contemporâneo. O estudo da literatura, por exemplo, já não pode se ater tão somente a autores e obra, mas voltar-se para o papel do leitor, pois é através deles que os textos adquirem sentido.

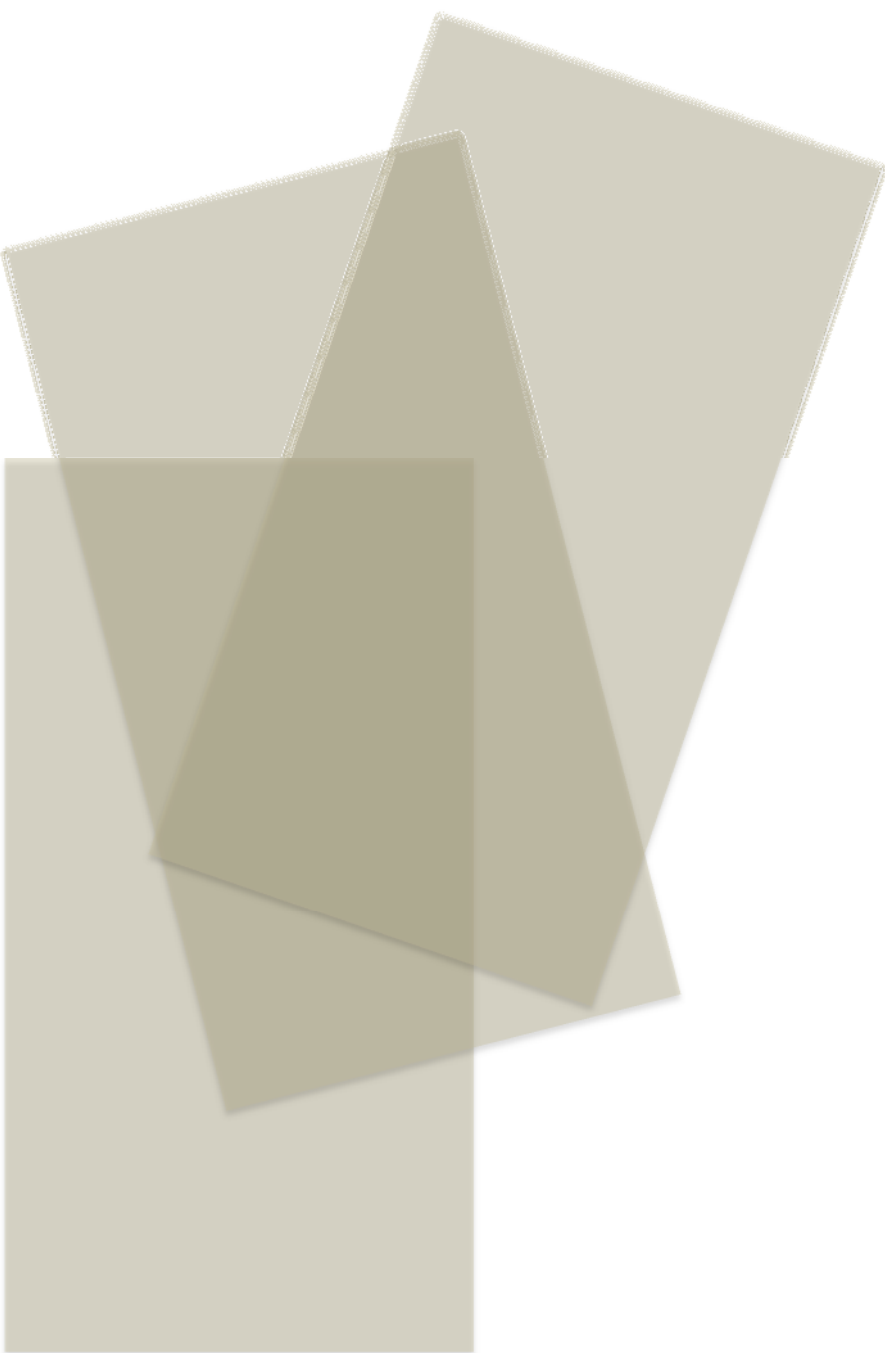
Propor situações em que a literatura possa dialogar com diferentes linguagens, transitar por diferentes campos interdisciplinares, proporciona então um viver mais amplo da literatura, uma ampliação do diálogo com a arte e a cultura, intrínsecos nas obras literárias. Ainda sobre isso, Aguiar (1999, p. 252) traz algumas contribuições ao afirmar que:

Por essa linha de pensamento, consideramos a necessidade de que a escola abrigue múltiplas formas de aproximação entre os sujeitos e livros, com oferta livre de tipos de textos de diferentes linguagens, de atividades de leitura individual e coletiva. Aos alunos, sem discriminação, serão oferecidos ocasiões de frequentar agências sociais mais amplas (como bibliotecas públicas, livraria, feira, encontros com autores e interagir com modalidade várias como jornais, revistas, catálogos, almanaques, que funcionam como mediadores de leitura. Nesse contexto, a biblioteca escolar desempenha o papel de irradiadora e catalisadora dos bens culturais à disposição do aluno.

Não se abster do papel de formar leitores - capazes de ler, pensar, discutir, opinar e dialogar com o que é lido - é a provocação dessa pesquisa. Compreender que podemos, dessa forma, contribuir para pensar os pilares da educação e garantir que eles possam ser vividos de forma autêntica no espaço escolar é um desafio. Não podemos afirmar de imediato que isso será alcançado a curto prazo, mas as provocações e as relações estabelecidas entre o leitor e a obra, entre o sujeito e o

diálogo tecido pelo grupo, entre a apreciação estética e o fazer artístico, entre o professor leitor e seu aluno, suscitam provocações que podem ser nutridas pelo resto da vida.

Essa não é uma pesquisa de resultados numéricos, mensuráveis, e que possam ser colocados em gráficos. É muito mais uma proposta, um convite, uma provocação que pretende ampliar as leituras de mundo dos alunos e professores envolvidos, a fim de dialogar com uma proposta de educação que busca pensar seu papel humanizador tão necessário nos dias de hoje.



Oficinas Literárias



Sobre as oficinas e o produto

As oficinas literárias consistem no trabalho desenvolvido na prática, na tentativa de aplicar a metodologia e poder confrontar, refletir e experimentar os estudos e as ideias apresentadas até então. Esse produto- portfólio literário, servirá de apoio para que outros professores possam também se sentir autorizados a fazer oficinas semelhantes, trazendo a literatura para o dia a dia da sala de aula, buscando uma reflexão com os pilares da educação de Delors.

Abaixo, duas oficinas, ilustram esse processo. A primeira, é “Aprendendo a conhecer e a cuidar do mundo”. Ela traz um relato detalhado do trabalho com literatura, que se conclui com a construção coletiva de uma horta, abordando o trabalho de rodas de literatura, a relação com outras áreas de estudo, a escolha, o diálogo e a escuta.

A segunda, é “A eleição dos bichos”. Aborda uma conversa necessária sobre política, democracia, direitos e deveres, que surgiu de uma demanda do grupo de discutir e compreender o mundo, as conversas que parecem de adulto, mas que povoam o imaginário e as relações das crianças. Essa oficina segue todas as etapas metodológicas e conclui-se com um trabalho interdisciplinar com várias áreas, mas principalmente com as Artes Plásticas, quando as crianças ilustraram suas falas e conclusões.

Nessa oficina, podem ser vistas muitas imagens, pois esse foi o produto do trabalho realizado com as crianças e serve para ilustrar um pouco do que a literatura provocou de inquietações, vocabulário, sensações e descrições do que as leituras e as conversas provocaram.

Poder opinar, falar dos sentimentos, criticar e se envolver com as histórias é a garantia para que essa proposta realmente aconteça. É importante afirmar que, no momento em que os relatos são descritos, os verdadeiros nomes das crianças envolvidas são omitidos e substituídos por outros, buscando manter a privacidade dos sujeitos envolvidos e evitar qualquer constrangimento.

Aprendendo a conhecer e a cuidar do mundo

Essa oficina foi proposta numa “Tribo”, que é uma grande roda que acontece semanalmente com a intervenção da orientadora escolar que tem a proposta de discutir e refletir sobre o dia a dia da escola. Como a orientadora estava de licença médica na semana em que a oficina foi realizada, o espaço foi aproveitado para iniciar essa conversa e seguiu todos os passos metodológicos da pesquisa.

O primeiro momento foi a proposta da **roda de apresentação do livro literário**. Depois de pensar no que gostaria de propor nessa roda de conversa, selecionei três livros: Pedro e Tina- uma amizade muito especial- (KING, 2011) Declaração de amor- (BARREIRO, 2015) e O mundo inteiro- (FRAZEE e SCANLON, 2014).

A escolha do livro a ser lido deu-se por votação. Como estamos em ano eleitoral, a votação do livro serviu para explicar a importância do voto, das escolhas, de se pensar antes de escolher, lembrando que a leitura será para todos e que, portanto, deve considerar não só o seu desejo, mas do coletivo. Discutimos sobre não se deixar influenciar pela escolha do outro, mas fazer a própria escolha. É muito comum nessa idade as crianças votarem seguidas pela maioria, influenciadas pela opinião dos colegas com medo de perder. Conversamos também sobre a importância desses momentos na escola, pensando que estamos exercitando práticas que serão vividas com grande responsabilidade na fase adulta. Foi uma conversa breve, mas muito importante. Quando uma criança desejou mudar seu voto no final, expliquei que isso não é possível numa votação eleitoral. Depois de apertar o confirma, não se

consegue mudar o voto. Outro aluno perdeu o tempo e não votou e também compreendeu que não podemos votar depois que fecham as urnas. Essa prática simples de escolher um livro para ser lido, ajudou-as a entender práticas sociais complexas e fundamentais na democracia.

Depois de votarem, o resultado foi:

Pedro e Tina- uma amizade muito especial- (KING, 2015) 9 votos

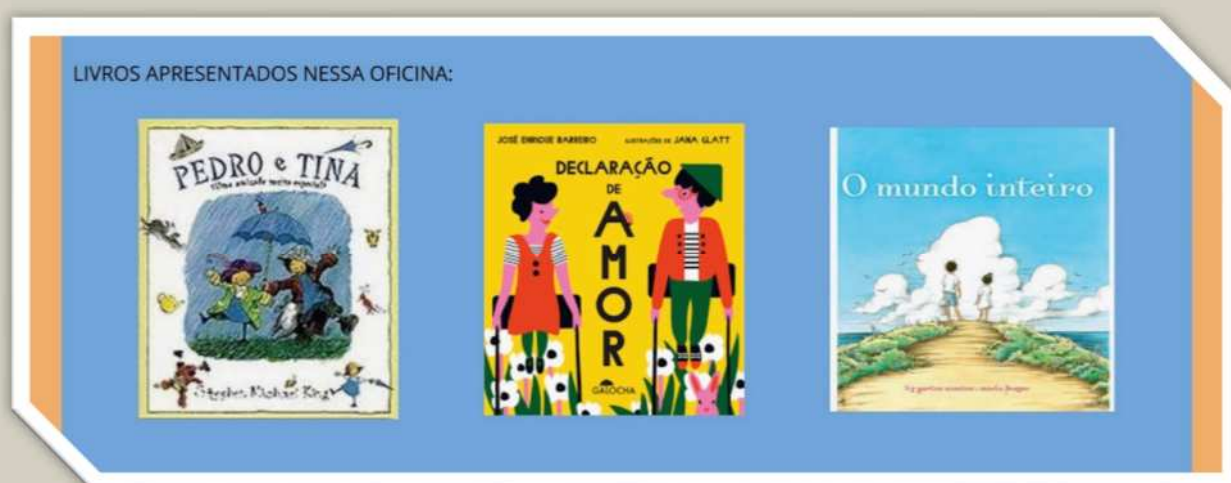


Imagem 2. Capas dos livros escolhidos

Com uma pequena diferença de votos, o livro escolhido foi O mundo inteiro- (FRAZEE e SCANLON, 2014). O livro foi apresentado com todas as suas informações: autor, ilustrador, características da capa e editora.

Escolhido o livro, partimos para o segundo momento: **leitura exploratória da obra e observação das imagens e projeto gráfico.**

O livro foi lido por mim em voz alta, de pé e com movimentações na roda, mostrando as figuras, após a leitura de cada página. Todos puderam tocar, apreciar as ilustrações e ouvir a história sendo narrada com o cuidado de quem conhece previamente o texto e pensa no tom de voz, no olhar, na apresentação do texto, com a intenção de garantir um maior envolvimento das crianças.

Terminada a leitura, passamos para o terceiro momento: **discussão coletiva sobre a obra, com provocações para pensar nos pilares e no que a leitura propõe de diálogos, interpretações e debates em grupo.**

Essa obra aborda o coletivo, a necessidade de cuidar do outro e do mundo de forma poética com versos rimados e delicadas ilustrações. Este livro fala de humanidade e harmonia. Possui uma linguagem simples e delicada e é vencedor do prêmio Cadelcott Honor de melhor ilustração em 2009. Cada criança pode falar sobre o que o livro provocou, opinar sobre seus aspectos textuais, gráficos e interpretativos.

Como foi abordado nas minhas reflexões sobre a metodologia de observação participante, um grande desafio para o pesquisador é fazer o registro da própria prática e ao mesmo tempo, exercitar o papel de observador e de condutor da proposta. Além, é claro, de todas as demandas de condução da aula e do cuidado com os alunos. Para minimizar essas dificuldades, pedi apoio a uma auxiliar da escola para ajudar nos registros e filmar a atividade.

Ao serem perguntados sobre o que acharam do livro, Sophia começou dizendo: Esse livro é lindo! Fala de cuidar do mundo como se ele fosse um canteiro. Fala de ter carinho com o outro. Eu também gostei das ilustrações, são muito bonitas.

Alice disse que tem esse livro em casa e que já conhecia a história e que a parte que mais gosta é quando diz que o mundo é frio e quente. Disse que sentiu o frio e o calor nas ilustrações.

Paula falou em seguida e com timidez respondeu: acho o mesmo que a Alice. Paula acabou de chegar a essa escola e percebemos que além da timidez, não está muito acostumada a essas práticas que propõem diálogo, opiniões pessoais e esse é um exercício ainda um pouco difícil para ela, além da timidez inicial de quem ainda está conhecendo o grupo. Disse que gostaria de ouvir sua opinião e que no final da roda voltaria a perguntá-la e que ela teria tempo para pensar numa resposta. E isso foi feito, ao terminar de perguntar a todos voltei a falar com ela e repeti a pergunta dizendo o quanto considero importante ouvi-la. Ela disse que tem esse livro, mas que nunca havia sido lido em casa e que achou a história bonita e que sua parte preferida foi a do canteiro. Reafirmei que gostei muito de ouvi-la e que agora ela poderia ler esse livro para sua família. Paula sorriu discretamente e aliviada pela conquista. Eu também!

Pedro disse que achou o livro bonito, mas que sentiu falta de aventura, pois prefere os livros que tenham aventura e enigmas, mas achou que a história fez ele pensar na família.

Carolina disse que o livro é bonito, mas muito romântico e que apresenta um mundo colorido e cheio de coisas boas. Essa fala dessa aluna rendeu muitas discussões a posteriori e rendeu uma atividade em sala.

Bernardo disse que não gostou, achou sem graça, bobo e chato (dizendo com bastante veemência e uma certa ironia). Disse que não era o que ele esperava ao ver a capa. Alguns amigos ficaram incomodados com sua fala rechaçando o livro e nesse momento aproveitei para dizer que as pessoas podem ter opiniões diferentes e que precisam ser respeitadas por isso, mas que o Bernardo também poderia ser mais respeitoso ao emitir suas opiniões, que não gostar de algo não o dá o direito de falar desrespeitosamente. Nesse momento a conversa se alargou e discutimos sobre o cuidado com o outro, com os objetos, com as nossas falas e atitudes. As crianças aproveitaram para falar das relações. Nina disse que Laura estava olhando para ela com deboche enquanto ela falava e que estava incomodada com a atitude da amiga. Com espaço para falar e discutir, as crianças puderam conversar, pedir desculpas, aprender a ser, a conviver, a fazer e a conhecer. Uma única história proporcionou muitas reflexões e atitudes.

Pensamos e discutimos sobre voto, democracia, direitos e deveres do cidadão que precisam ser refletidos desde muito cedo, para que as crianças comecem a entender desde a infância a importância do voto consciente.

4º momento: **proposta de atividade coletiva que implique nas relações, no convívio e construção de um produto em grupo.**

Discutimos o cuidado com o mundo, nosso vasto canteiro, vimos que o mundo é novo e antigo e falamos sobre o cuidado com o nosso patrimônio, nossas histórias construídas durante toda a vida. A conversa estendeu-se por muitos dias e o livro serviu de referência para novos estudos.

Envolvidos pelo desejo de uma auxiliar da escola que é bióloga e gosta das plantas, aprendemos a plantar e a cuidar de um pequeno canteiro do pátio. vendo que é preciso regar todos os dias, cuidar da terra e contar com a ajuda do sol. Esse foi o produto dessa história. Regado de cuidados, exercitamos o aprendido nas atitudes diárias. É preciso cuidar do mundo, das plantas, do outro. E foi assim, cuidando e conversando que nossa ideia floresceu!



Imagem 3 e 4- Início do trabalho de construção da hortinha e o dia da colheita.

Mais uma vez, pudemos recorrer a Queirós, (2012, p. 76) para refletir sobre o quanto a literatura pode nos ajudar a compreender o mundo. Mundo real, que pode ser melhor compreendido pela fantasia:

A literatura é feita de fantasia. No texto literário não existe preconceito. E, na leitura, a fantasia do leitor dialoga com a fantasia do escritor. É um diálogo delicado, pois só fantasiemos, o que nos falta. Daí ser uma conversa sobre o que não possuímos ainda. Mas é preciso acreditar que todo real é uma fantasia que ganhou corpo. O mundo é movido pela fantasia. É pela fantasia que nos acrescentamos ao mundo e nos inscrevemos nele. A fantasia é responsável pelas surpreendências do cotidiano.

Dessa forma, atingimos o quinto momento: **pretende-se aliar esse trabalho em sala com alguma outra aula oferecida na escola como: Teatro, Música, Dança, Tribo ou Artes plásticas, a fim de proporcionar desdobramentos da literatura em outras aulas da escola, permitindo um diálogo interdisciplinar e vivenciando, a partir das expressões artísticas, as experiências com a literatura.** Dialogamos com a Tribo, que é uma aula semanal onde a conversa e a reflexão sobre as atitudes é exercida e também abrimos espaço para uma nova aula de Biologia, onde aprendemos a plantar, a cuidar de um canteiro, da escola, dos amigos, do “mundo inteiro”.

A Eleição do Bichos

Afirmo que as qualidades de um texto são eleitas pelo leitor. E isso vai depender das leituras que o sujeito faz do mundo, de suas reflexões silenciosas diante do invisível, de suas observações sobre o cotidiano, de suas relações com aquilo que está em seu redor. É o seu grau de preocupação que vai determinar seu nível de interesse. Não é só a escola que alfabetiza. A presença da vida em nós nos faz leitores desde o nascimento. Conheço leitores que exercem uma leitura mais superficial e outros que são capazes de substantivar o abstrato. Toda leitura causa um pensamento, e pensar é um ato operatório. (QUEIRÓS, 2012 p. 75, 76)

Início o registro dessa oficina, trazendo Bartolomeu Campos de Queirós para tecer comigo essa conversa. A criança observa o cotidiano, lê o mundo, está atenta a tudo que nele acontece. Dois mil e dezoito foi marcado por uma eleição polêmica, controversa e recheada de discussões e agravos entre as pessoas, sobretudo nas redes sociais. As crianças não se isentam de tudo o que está acontecendo e essas conversas vão para a escola e precisam ser acolhidas. Nestas horas, agradecemos à literatura e sua possibilidade de ajudar-nos a dialogar, a trazer a presença da vida para dentro da escola, a não se isentar. Escola não é um campo neutro como muitos pretendem. É lugar de conversa, de acolhimento, de diferentes opiniões, de respeito ao direito de se manifestar.

Diante das conversas no grupo e do desejo de falar sobre esse assunto que parece de gente grande, mas diz respeito a todos, desde o nascimento, trouxemos para as rodas de debate alguns livros que pudessem aproximar as crianças da discussão sobre política. Desta vez, os livros foram selecionados de antemão por mim, buscando refletir sobre o que é política, o que é eleição, o que é ser presidente. Falar para crianças pequenas exige de nós uma capacidade de dar exemplos, de apresentar na prática escolar momentos que ajudem a dizer sobre os assuntos que serão abordados. A literatura provoca, mas a capacidade de fazer perguntas, de ouvir o que as crianças têm a dizer, de estabelecer relações sobre o que é lido demanda muito do professor dessa faixa etária.

Diante desse assunto apresentado como demanda pelas crianças e pelo cotidiano dentro e fora da escola, elegemos então alguns livros que serviriam de apoio e leitura nas nossas rodas.

O primeiro momento foi a proposta da **roda de apresentação do livro literário**. Depois de pensar no que gostaria de propor nessa roda de conversa, selecionei três livros: A eleição dos bichos, Democracia e o Reizinho Mandão.

O livro A Eleição dos Bichos, 2018 de Rodrigues, Ribeiro, Desgualdo e Markun, foi apresentado na roda com todas as suas informações: autores, ilustradores e editora.



Imagem 5- Capa do livro "A Eleição dos Bichos" Rodrigues, Ribeiro, Desgualdo e Markun, 2018

Vimos a capa, a ilustração, os personagens e já de cara as crianças ficaram instigadas pelo colorido e pelos bichos que o livro traz. Esse livro tem uma característica interessante. Ele traz o assunto eleição para o universo infantil de forma bem lúdica e apresenta também um vocabulário com palavras deste contexto, com definições que podem ser entendidas por crianças menores. Os outros entrariam caso fosse necessário.

Escolhido o livro, partimos para o segundo momento: **leitura exploratória da obra e observação das imagens e projeto gráfico**.

O livro foi lido por mim em voz alta, de pé e com movimentações na roda, mostrando as figuras, após a leitura de cada página. Mas por se tratar de um livro

lúdico e provocador, as crianças fizeram muitas inferências na leitura. Teciam comentários, escolhiam seus candidatos, faziam torcida. Isso foi naturalmente conduzido sem precisar ficar pedindo silêncio, pois foi um momento provocativo mesmo. Os livros têm esse poder! Às vezes, eles já tiram do lugar na primeira leitura e, desde que esse movimento e essa brincadeira sejam feitos com envolvimento e respeito, considero que é muito bem-vindo nas leituras com crianças. Tem leituras que exigem um silêncio e uma introspecção maiores para garantir a compreensão, outras são feitas justamente nessa troca instantânea com o grupo.

O livro fala de um leão que era o rei da floresta, mas andou desviando água para fazer uma piscina particular. A bicharada ficou revoltada e decidiu promover uma eleição. Outros três bichos (cobra, preguiça e macaca) se candidatam e aí começa o processo eleitoral. Os autores fizeram cartazes dos bichos como se fossem candidatos humanos, promovendo uma comparação instantânea com um processo eleitoral convencional, com disputas, manipulações e projetos de governo.



Imagem 6- Cartaz de propaganda políticas do livro "A Eleição dos Bichos"

Terminada a leitura, passamos para o terceiro momento: **discussão coletiva sobre a obra, com provocações para pensar nos pilares e no que a leitura propõe de diálogos, interpretações e debates em grupo.**

Essa obra provocou já durante a leitura muita indignação. O leão corrupto queria se reeleger com argumentos muito ouvidos nos processos eleitorais

convencionais. “Pela tradição, vote leão!” As crianças se indignaram, pois ele roubou toda a água da floresta para construir uma piscina particular e deixou a bicharada na sede. A leitura anterior sobre o cuidado com o mundo e com as pessoas voltou ao debate e eles abordaram o assunto com muita ênfase.

- Não é possível! Isso não pode! Um leão que rouba a água de todos não pode se candidatar novamente e ser eleito. Disseram em coro. Não queremos o leão! Não queremos o leão!!!

O texto traz em seu vocabulário palavras como manifestação, democracia, eleição, candidato, entre outros conceitos que fazem parte do vocabulário político e que não são tão facilmente explicáveis para crianças pequenas. Exemplo- DEMOCRACIA: Forma de governo em que a maioria escolhe, por meio do voto, quem vai governar. GOVERNO: É o conjunto de indivíduos que manda, escolhe as regras e as leis. MANIFESTAÇÃO: Um grupo que protesta unido para expressar sua opinião sobre alguma coisa. PRESIDENTE: É aquele que governa em uma democracia.

Esse vocabulário foi discutido pelo grupo que trouxe exemplos do cotidiano para compreender melhor cada um deles. Retomamos atitudes democráticas escolares para pensar nesse conceito como: a votação para escolha dos livros que costuma acontecer nas rodas de história, a votação para ajudante da sala, do jogo que vamos fazer, entre outros. As crianças dessa escola já têm uma participação ativa e democrática na escolha dos assuntos a serem estudados, com os projetos pedagógicos ou os livros a serem lidos, mas isso não é um processo simples. É trabalhoso e demanda paciência para lidar com frustrações. As crianças, cada vez mais, têm demonstrado dificuldades de lidar com perdas. Essas conversas e esses processos de escolha contribuem para que possam amadurecer e exercer esse processo democrático cotidianamente.

Esse ano também foi marcado por muitas manifestações e as crianças discutiram e colocaram no debate polaridades políticas que precisaram ser ouvidas com cuidado. A escola é o lugar onde essas polaridades se encontram e exercer o papel de educador que respeita o direito de opinar, ainda que não concorde com todas as opiniões é um desafio grande. O educador argentino, Isabelino Sied, (2010, p.26, 27), ao discutir o lugar das Ciências Sociais na escola, afirma que:

En el conocimiento de sentido común, la rutina funciona como soporte de nuestra manera de ver el mundo, de asimilar lo desconocido a lo ya conocido, de interpretar lo problemático o distinto según parámetros preexistentes. El sentido común es la fuente de nuestros prejuicios y tiende a expresarse como mentalidad pragmática, conservadora y bastante rígida: lo que consideramos conocido se resiste a dejar un espacio a cualquier nuevo conocimiento, sobre todo si este no confirma el anterior, si lo modifica o lo cuestiona. Por el contrario, un conocimiento ordinario se valida simplemente por su utilidad cotidiana. Pero ¿de dónde proviene ese sentido común? Básicamente, de interacciones con los demás, que se tipifican a partir de las experiencias cara a cara y luego se proyectan a relaciones menos personales.¹ (SIED, 2010, p.26, 27),

Ao discutir esse lugar do debate e do direito das crianças de abordar esses assuntos e trazer para a sala de aula, ele argumenta que as crianças vêm para a escola com o seu contexto político. Sua família, suas redes de convívio, os lugares onde vivem, as vivências externas à escola e precisam se sentir confortáveis para falar disso.

La experiencia social de cada niño se ve recortada por su clase social, su género y su entorno cultural, por lo que se conforman vectores cada vez más segmentados, aislados y distantes. La realidad social que cada uno percibe tiende a ser fragmentaria y sesgada, aunque cada sector la cree unívoca y veraz. Por eso es relevante que la escuela ofrezca oportunidades de ampliar, enriquecer y tamizar argumentativamente los discursos socializadores que niñas y niños reciben de su entorno.²(SIED, 2010, p. 28)

¹ No conhecimento do senso comum, a rotina funciona como suporte para a nossa maneira de ver o mundo, de assimilar o desconhecido ao já conhecido, de interpretar o problemático ou diferente segundo parâmetros pré-existentes. O senso comum é a fonte dos nossos preconceitos e tende a ser expresso como uma mentalidade pragmática, conservadora e bastante rígida: o que consideramos conhecido é resistente a deixar um espaço para qualquer novo conhecimento, principalmente se não confirma o anterior, se modifica ou ele questiona isso. Pelo contrário, o conhecimento ordinário é validado simplesmente pela sua utilidade diária. Mas de onde vem esse senso comum? Basicamente, a partir de interações com os outros, que são tipificadas a partir de experiências face a face e, em seguida, projetadas em relacionamentos menos pessoais.

² A experiência social de cada criança é cortada por sua classe social, seu gênero e seu ambiente cultural, de modo que vetores cada vez mais segmentados, isolados e distantes são formados. A realidade social que cada um percebe tende a ser fragmentária e enviesada, embora cada setor acredite que é único e verdadeiro. É por isso que é relevante que a escola ofereça oportunidades para expandir, enriquecer e peneirar argumentativamente os discursos socializadores que meninas e meninos recebem de seu ambiente.

Quando Sied discute a relevância de a escola oferecer oportunidade de ampliar os discursos socializadores, ele aborda a importância de momentos como esse, em que as crianças possam ser ouvidas, discutir e perceber a importância do que acontece ao seu redor e desta forma, no coletivo, ir construindo argumentos, compreendendo o seu entorno cultural e político.

A leitura desse livro, provocou no grupo uma discussão muito grande sobre o papel de um político. Sobre as funções de um presidente e o que eles consideram importante para governar um país. Retomaram a discussão lembrando do projeto institucional da escola do ano anterior. Nós: saber conviver, saber cuidar e trouxeram as discussões para essa área, pensando na importância dos nossos governantes saberem conviver e saberem cuidar. Foi uma discussão muito bonita. Cada um pode falar o que é conviver e cuidar e como um governo convive e cuida das pessoas.

4º momento: proposta de atividade coletiva que implique nas relações, no convívio e construção de um produto em grupo.

Mais uma vez, Queirós nos ajuda a refletir sobre literatura e infância ao afirmar que:

Todo ato criador é cheio de infância. Se me pergunto quais os elementos que inauguram a infância, eu me respondo ser a liberdade, a espontaneidade, a fantasia, a inventividade. (...) Daí estar a criança tão próxima da arte. Falar assim me assusta na medida que crescer é perder as qualidades da infância e entrar no mundo da contenção. E que, à medida que vivo, ouço dizer que a pessoa é educada quanto mais contém seus impulsos. Acredito, pois que crescer é mais perder que ganhar. Criar, assim pensando, é a única maneira de preservar a juventude. (...) O adulto está esgotado- como o velho mundo-, mas vejo a infância aberta e sem preconceitos. O mais jovem possui vivacidade, a força transformadora como elemento mobilizador da vida. (QUEIRÓS, 2012, p. 67)

A infância aberta e sem preconceitos nos mostrou nessa oficina que crescer, muitas vezes, é mesmo perder qualidades da infância. Com pureza e muita consciência do coletivo, eles abordaram a política com ética e profundidade. Falaram de respeito, de cuidado, de convivência, dando pistas para qualquer líder do que é de fato governar e, essa essência do pensamento infantil, pode ser vista na descrição do quarto momento dessa oficina.

Como produto coletivo nesse trabalho, fizemos um cartaz com as falas das crianças sobre o que é cuidar e conviver.

Conviver:

- Quando ficamos juntos com todas as pessoas e não só com a melhor amiga.
- É ficar junto, dar amor.
- São pessoas de vários países vivendo juntas.
- É morar com o outro que é diferente da gente.
- E quando estamos juntos, igual quando o planeta era um só, sem divisão de mares, linhas e países.

Cuidar:

- Cuidar é colocar para dormir, comprar comida, cozinhar, levar para a escola... o que nossa mãe faz com a gente.
- Um pai precisa cuidar do bebê. Dar comida, leite, carinho, levar para passear, senão ele chora.
- Dar roupa, brinquedo e carinho para alguém abandonado.
- Cuidar do doente para ele ficar bom.
- Cuidamos também de bicho, de gato e de cachorro.
- Passarinho a gente não cuida, porque é melhor ele solto e não na gaiola. A gente só cuida se o passarinho já tiver nascido na gaiola.
- Precisamos cuidar para os animais não desaparecerem.
- Cuidar também é ajudar na limpeza, não gastar muita água, não cortar as árvores.
- Não estragar os livros, não gastar muita cola, não quebrar o lápis e não fazer barulho demais.
- É respeitar os amigos e não furar fila.

Depois de listarem o que é conviver e cuidar, as crianças pensaram em como um governo pode cuidar do país e viram que não é muito diferente do que eles pensaram.

Um governo precisa cuidar do país como os nossos pais e a nossa escola cuidam da gente! Foi o que concluíram e ao pensarmos sobre o que tinham listado nas reflexões puras e infantis, deram aula de democracia. Pensaram no acolhimento, no convívio com as diferenças, no cuidado com o planeta, com os animais, com as pessoas. Trouxeram conceitos como liberdade, respeito, amizade, paz.

Neste momento, outro livro nos provocou foi *Mania de Explicação*, 2001, de Adriana Falcão. Esse livro traz conceitos de palavras como Solidão, Saudade, Lembrança, Alegria, Felicidade, entre outras, com definições infantis. Aproveitamos para definir palavras que vinham fazendo parte do nosso vocabulário nas últimas conversas.



Imagem 7- Capa do livro "Mania de Explicação" Falcão, 2001

As crianças definiram Paz, Amizade, Gentileza, Liberdade, Direitos e Amor. Palavras caras à democracia, que precisam ser respeitadas nas vozes das crianças.

Amizade:



Imagem 8, Desenho feito pelas crianças sobre amizade

- É quando você vira amiga de alguém que você não conhece.
- É quando você gosta do outro.

Paz:

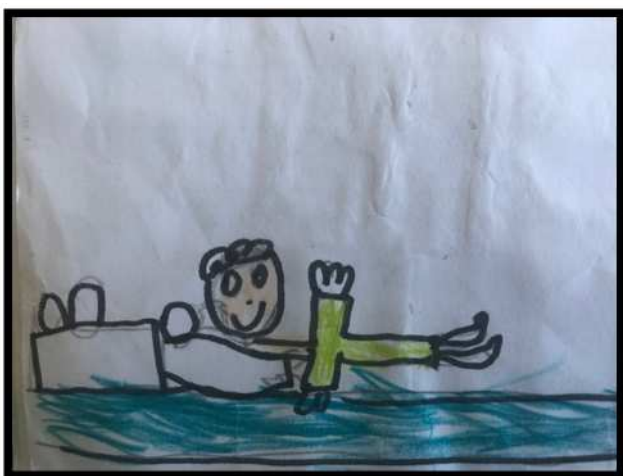


Imagem 9, Desenho feito pelas crianças sobre Paz

- São muitos compromissos que você desmarca para ter um tempo só para você.
- É você ficar tranquilo e não ter guerra.
- É dormir sem medo.

Gentileza:



Imagem 10, Desenho feito pelas crianças sobre Gentileza

- *A pessoa que é gentil ajuda a outra e dá bom dia e boa tarde.*
- *É respeitar o pai, a mãe, as professoras e os amigos.*
- *É não deixar ninguém para trás.*
- *É dividir o sorvete.*

Liberdade:

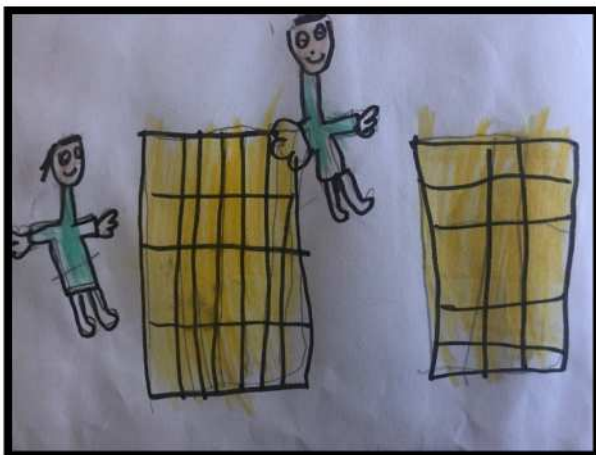


Imagem 11, Desenho feito pelas crianças sobre Liberdade

- *É brincar no jardim, ficar livre, sair para brincar e não ficar parado.*
- *É ir para a rua andar de bicicleta, de patins, é brincar com os amigos.*
- *É sair da prisão.*
- *É amar o mundo brincando.*

Direitos:



Imagem 12, Desenho feito pelas crianças sobre Direitos

- *Todo mundo tem direito de ir para a escola, de brincar, de comer, de dormir e de ser respeitoso.*
- *É ter um governo que cuida da gente e não fica de blá, blá, blá.*

Amor:



Imagem 13, Desenho feito pelas crianças sobre Amor

- *É quando a pessoa gosta da outra e faz dela um amigo ou um casal.*
- *Quando gosta muito da pessoa como se ela fosse uma irmã.*
- *Quando uma pessoa gosta e cuida da gente.*
- *Também tem amor de mãe, quando ela cuida da gente.*
- *É quando a gente está brincando com o melhor amigo e diz que ama.*

As crianças pequenas têm uma capacidade incrível de entender o mundo, de explicá-lo como os adultos já não conseguem. São cheios de pureza e na pureza nos ensinam o que parece óbvio. Que é preciso cuidar do outro como nossos pais cuidam da gente. E é preciso que os pais cuidem de fato! Elas dão lição de governança quando explicam o que é gentileza, o que é liberdade, o que é respeito. Nossos governantes têm muito o que aprender com elas.

Muitas vezes, me questionei sobre trabalhar na classe social que trabalho atualmente, por isso, sempre busquei diversificar meu público. Em Minas Gerais, trabalhei como coordenadora de um projeto social com crianças de grupo de risco numa comunidade chamada Vila Ideal, numa cidade de Ibirité, região periférica da grande BH e ao mesmo tempo trabalhava numa escola de classe social abastada na região da Pampulha, bairro nobre de Belo Horizonte. Também fui professora de uma escola rural, multisseriada e com poucos recursos. No Rio de Janeiro, trabalhei em escolas particulares da Zona Sul e em projetos sociais do Pró Saber com crianças da Rocinha, Vidigal e Santa Marta. Durante o mestrado, trabalhei numa escola da Zona Sul, que atende a famílias de classe média e alta e nessa escola realizei a pesquisa, pois a premissa do mestrado profissional é fazer a pesquisa sobre a própria prática. Tenho refletido sobre meu papel e o papel do trabalho com a literatura para essa classe, já tão envolta de livros.

Um trabalho como esse me faz pensar que temos que formar seres mais humanos. Que não podemos nos abster de educar também os ricos, de fazê-los indignar, de apresentar o mundo, as questões sociais, os problemas e de trazê-los para discussão. Meu papel político como educadora não se restringe a uma classe social. Esse produto pode ser aplicado em diferentes escolas, com diferentes alunos, mas a provocação para o pensamento mais humano, para o respeito ao outro precisa atingir a todos, ricos, pobres, brancos, negros, nativos, estrangeiros.

No quinto momento: **pretende-se aliar esse trabalho em sala com alguma outra aula oferecida na escola como: Teatro, Música, Dança, Tribo ou Artes plásticas, a fim de proporcionar desdobramentos da literatura em outras aulas da escola, permitindo um diálogo interdisciplinar e vivenciando, a partir das expressões artísticas, as experiências com a literatura.** Dialogamos nesta oficina com as Artes plásticas e levamos para essa aula os nossos conceitos para serem

ilustrados. As crianças ilustraram suas frases, remetendo ao dia-a-dia e às suas vivências do cotidiano.

Abaixo, estão alguns dos trabalhos que saíram dos livros e viraram imagens, reflexões ilustradas do que pensam e acreditam sobre o que são direitos e deveres das crianças.



Toda criança tem direito de estudar

Imagem 14, desenho feito pelas crianças



Toda criança tem direito de ter comida na mesa

Imagem 15, desenho feito pelas crianças



Toda criança tem direito de ter uma família

Imagem 16, desenho feito pelas crianças



Toda criança pode escolher o seu time de futebol e tem o dever de respeitar quem gosta de outro time.

Imagem 17, desenho feito pelas crianças



Toda criança tem direito de brincar livre na natureza

Imagem 18, desenho feito pelas crianças



Toda criança tem que respeitar e ajudar a quem precisa.

Imagem 19, desenho feito pelas crianças



Toda criança tem que respeitar todas as pessoas e não ter preconceito.

Imagem 20, Capa da agenda da escola (desenho sobre preconceito feitos pelos alunos)



Toda criança tem que amar e cuidar do seu país

Imagem 21, desenho feito pelas crianças



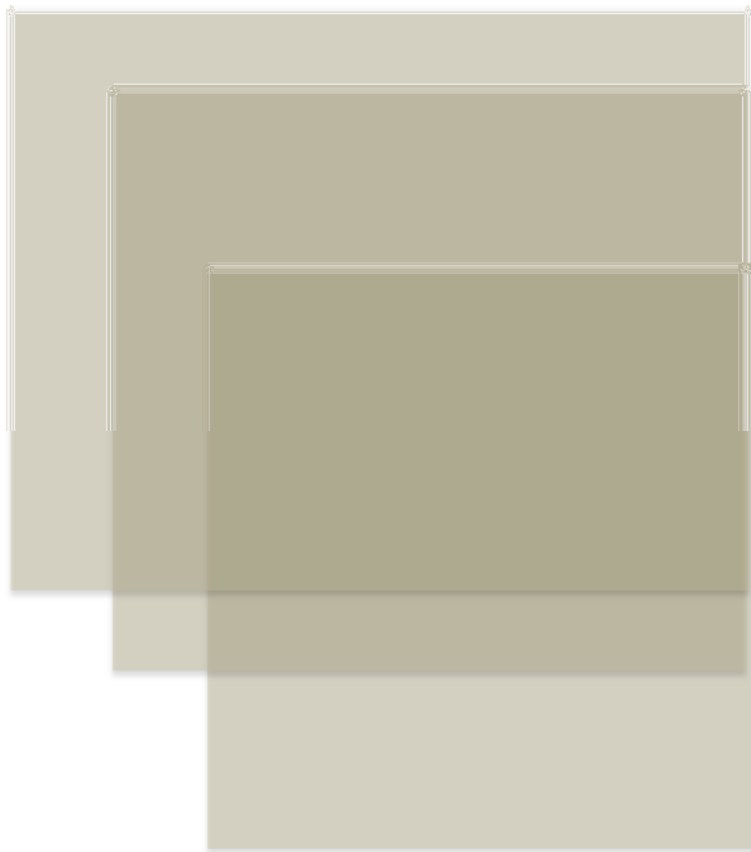
Toda criança tem direito de crescer sem medo

Imagem 22 , desenho feito pelas crianças

Essas ilustrações representam esteticamente, um pouco do que as crianças pensam e das provocações vividas através da literatura para entender política, convivência, cuidado, democracia. Essas reflexões têm uma intensa relação com os pilares da educação e com a formação humana dos alunos, quando Delors, 2003, p.16 afirma que:

Cabe à educação a nobre tarefa de despertar em todos, segundo as tradições e convicções de cada um, respeitando inteiramente o pluralismo, esta elevação do pensamento e do espírito para o universal e para uma espécie de superação de si mesmo.

Dessa forma, respeitando as convicções de cada um, as crianças desenharam o amor, o respeito, o cuidado, as brincadeiras e, assim, entenderam o que são os seus direitos e deveres e a importância da democracia para que eles sejam mantidos. Os desenhos ficaram expostos e puderam ser apreciados por outros grupos, que também passaram a refletir sobre direitos e deveres. Espero que elas possam crescer e que possam, em qualquer profissão que escolherem, levar consigo o senso de humanidade, o respeito e a luta pela democracia.



Conclusão

A observação de alunos do segundo ano e o trabalho com oficinas de literatura, foi o motivador da construção da pesquisa e desse produto. Esse estudo, proporcionou com as crianças, um diálogo puro, recheado de inocência, mas demonstrou também que elas já tinham um percurso na escuta de histórias, já conheciam muitos livros, já eram autorizadas a falar, dialogar, opinar e isso, sem dúvida, favoreceu as nossas conversas. São crianças sensíveis, de olhar atento e escuta apurada. Tendo a oportunidade de ouvir e de falar, elas negociam, confrontam as informações que têm, afirmam um posicionamento social, ampliam suas visões de mundo.

Na oficina **Aprendendo a conhecer o mundo**, as crianças puderam discutir sobre o que pensam e como veem o mundo em que vivem. Abriram a roda para diferentes opiniões, pensaram no cuidado que precisam ter com o planeta, criaram pequenas soluções para os problemas cotidianos e fizeram juntas uma intervenção no espaço escolar. Dessa forma, a literatura favoreceu o diálogo, a troca, as relações e a tomada de atitude no trabalho coletivo.



Na oficina **A Eleição dos Bichos**, pudemos dialogar sobre política e refletir sobre escolhas, sobre responsabilidade. Favoreceu um diálogo de todos pilares, uma reflexão sobre nossos direitos e deveres, nossos compromissos como cidadãos. Proporcionou que as crianças ampliassem vocabulários e elaborassem conceitos que fazem parte da vida deles de forma superficial e pouco aprimorada, como se não fosse assunto de criança. Quando são autorizados a pensar e discutir esses assuntos, os pequenos nos surpreendem com um inocência delicada e revestida de um amplo conhecimento puro e ingênuo, que vamos perdendo com a falta de poesia na vida e com a dureza das imposições políticas e sociais tão realistas, tão duras e avassaladoras que nos fazem descreer na democracia.

As histórias trazem mundos desconhecidos ou conhecidos, que podem encantar, fazer refletir sobre as fraquezas, os medos, a força. Os livros trazem a palavra que brinca em diferentes ritmos para ganhar novos sentidos. As narrativas constituem os sujeitos e através delas podemos nos tornar mais humanos. Importante enfatizar que é preciso criar condições para que as histórias aconteçam. Elas são previamente escolhidas, não são lidas de improviso, para passar o tempo. Sempre com o cuidado de encontrar o livro para cada momento, para cada conversa, a fim de atender as provocações dos alunos.

É preciso estar atento às falas e aos silêncios. Por isso, esse produto propõe uma sequência didática em que as etapas de escolha, seleção, leitura, conversas e atividades sobre leitura são realizadas com cuidado e compromisso com a literatura de qualidade, afim de oferecer a outros professores, ferramentas para trabalhar com os livros literários em suas salas de aula, rodas de leitura, bibliotecas e onde mais o livro puder estar.

É necessário enfatizar a importância da formação de profissionais e das políticas públicas que visam à formação de leitores literários. É fundamental que existam políticas de incentivo à leitura, que tenha investimento no acervo de livros para as escolas públicas e que a aquisição de literatura de qualidade também seja uma escolha cuidadosa nas escolas particulares.

A partir das crianças, de suas formas singulares de ver e de significar o mundo e as histórias, pude pensar uma sequência didática para o trabalho com a leitura de livros literários, capaz de abrir brechas para a interdisciplinaridade na escola. Suas

experiências de leitura e suas formas de ler, trazem contribuições para se pensar a formação de leitores nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

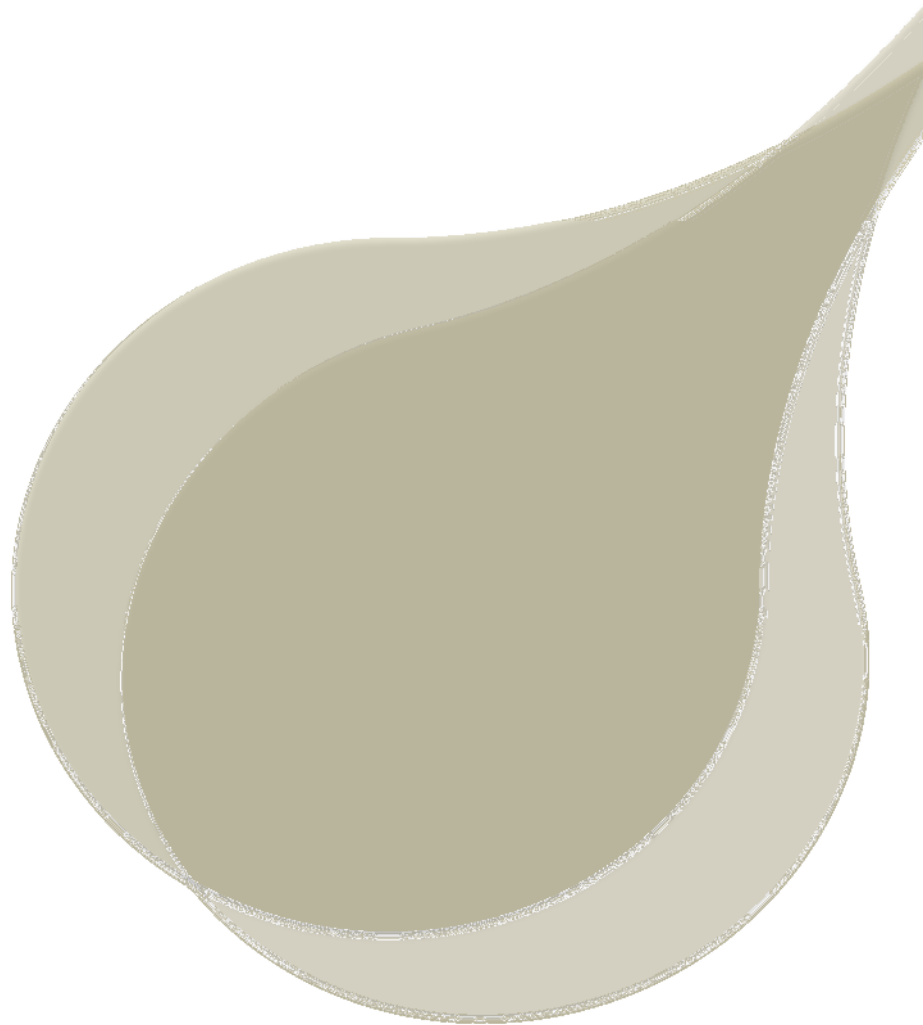
Não sei se consegui através desse trabalho, apresentar de fato todo o potencial que acredito que tem a literatura, mas esse foi fundamental para organizar minha prática, me fazer refletir sobre meu papel como educadora, sobre a importância da literatura na formação dos meus alunos e no infinito potencial ainda maior que descobri nesta área de estudo.

Os quatro pilares da educação foram a provocação para pensar no lugar da literatura na educação, no seu papel humanizador e na ferramenta importante e acessível para promover trocas e ampliar o conhecimento de mundo. Em momento algum, no meu trabalho, a literatura serviu para fazer provas, testar meus alunos, mas sim para promover o gosto pela leitura, para ampliar as possibilidades de diálogo, para provocar, para compreender melhor o nosso entorno. Dessa forma, um último objetivo da pesquisa, que era construir esse produto educacional – Portfólio Literário - a partir das observações e dos dados levantados na pesquisa, de modo a promover o letramento literário (COSSON, 2006) de alunos do 2º ano do Ensino Fundamental, foi o caminho escolhido para que essa prática possa ser realizada também em outras escolas, por outros educadores que buscam um caminho parecido, através do trabalho com a literatura infantil.

Acredito que, com esse trabalho, colaborei para a reflexão sobre aprender, ser, fazer e conviver. Através das oficinas descritas, penso que podemos provocar outros professores a levar a literatura para a sala de aula e para as rodas de conversa. Como já foi dito anteriormente, essa sequência didática não precisa ser usada de forma rígida, mas pode ser apropriada e aprimorada de acordo com as necessidades de cada professor, de cada escola e de cada grupo, que dela quiserem fazer uso. Nesse estudo, ela surgiu da necessidade de pensar práticas para promover oficinas literárias no segundo ano, contribuindo para a formação do leitor iniciante e os quatro pilares da Educação.

Espero que esse portfólio possa ser útil a outros professores e que possa provocar, assim como a literatura, uma atitude mais dialógica na educação. Que ele possa servir para instigar outros professores a ler mais, a conhecer melhor a literatura

infantil, a ampliar o acervo literário dos seus alunos e a provocar o diálogo através das histórias lidas e contadas na escola.



Referências

AGUIAR, Vera. **Leitura Literária e Escola**. In: EVANGELISTA, Aracy Martins;

AMPARO, Flávia; SILVA, Kátia. **Criatividade e interdisciplinaridade**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2017, 199 p.

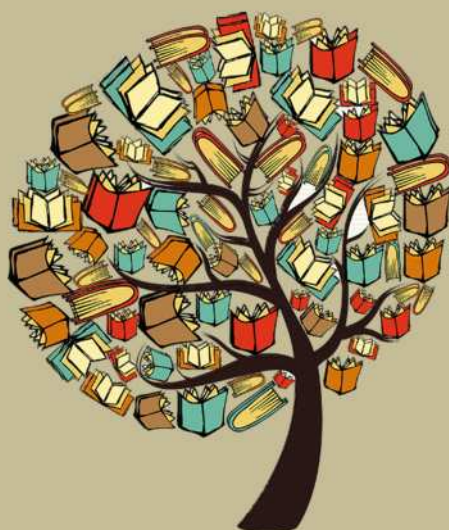
ANDRADE, Ludmila de; Corsino, Patrícia. **Critérios para a constituição de um acervo literário para as séries iniciais do Ensino Fundamental**: o instrumento de avaliação do PNBE 2005. Coleção Literatura e Educação, 2007.

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, edição brasileira, 2012

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Duas cidades/Ouro Sobre Azul, 2004.

_____A literatura e a formação do homem, 1999.

CAMASMIE, Vanessa. **Aulas de Literatura do Ensino Fundamental I do Colégio Pedro II campus Humaitá**. Rio de Janeiro, 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.



COLOMER, Teresa, **A formação do leitor literário**. São Paulo: Global, 2007.

_____. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2014.

CORSINO, Patrícia. Literatura na pré-escola: entre propostas e despropósitos. In: CORSINO, Patrícia (org.). **Travessias da Literatura na escola**. Rio de Janeiro: Editora 7 letras, 2014, p. 123-136.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

A prática da Leitura Literária na escola. Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 26, n. 3, p. 161-173, set./dez. 2015

_____.; PAULINO, Graça. **Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola**. In: ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tânia M. K. (orgs.). Escola e leitura: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. 2ª ed. São Paulo: Cortez Brasília, DF:MEC/UNESCO, 2003.

ESCOLA SÁ PEREIRA. **Proposta Pedagógica**. Disponível em <http://www.escolasapereira.com.br/pagina/52/> Acesso em: 20 de setembro de 2018.

FALCÃO, Adriana, **Mania de Explicação**. São Paulo: Salamandra, 2013.

FREIRE, Madalena. **Educador**. 1ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

IVENICKI, Ana; CANEN, Alberto Gabbay. **Metodologia de Pesquisa: rompendo fronteiras curriculares**. Rio de Janeiro, Editora Ciência Moderna Ltda, 2016.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 99, 2000.

_____. **Sobre a Estética**. Rio de Janeiro: Editora Pró Saber, p.126, 2017.

PETIT, Michéle; **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: editora 34, p. 299. 2009

PIMENTEL, Cláudia. **Espaço de livro e leitura: um estudo sobre as salas de leitura de escolas municipais da cidade do Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado em Educação, Faculdade de Educação- UFRJ. Rio de Janeiro, 2011

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de; ABREU, Júlio. **Sobre ler, escrever e outros diálogos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012

RODRIGUES, André. *A Eleição dos Bichos*. Rio de Janeiro: Companhia das Letrinhas, 2018.

SILVA, Rosita. **Experiências de leitura nas aulas de literatura do primeiro ano do ensino fundamental**. 2011. 82f. (Dissertação de mestrado) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro: UFRJ. 2011.

SIED, Isabelino. **Ciencias Sociales en la escuela: sentidos de la enseñanza**. ABC cap1 SOCIALES, 2010.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução Ana Thorell; revisão Técnica Cláudio Damacena. – 4. ed.- Porto Alegre: Bookman, 2010.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na escola**. 11 ed. São Paulo: Global, 2003.

